

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac)
Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo

Nhô Quim Centenário

100 anos do E. C. XV de Novembro, de Piracicaba



Bauru
2014

Bárbara Bressan Belan

Nhô Quim Centenário

100 anos do E. C. XV de Novembro, de Piracicaba

Livro-reportagem apresentado pela discente Bárbara Bressan Belan, como requisito para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, ao Departamento de Comunicação Social (DCSO) da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), campus de Bauru, sob orientação do Professor Doutor José Carlos Marques.

Bauru

2014

Projeto gráfico e diagramação:

Nicole Gobbi

Capa:

Nicole Gobbi

Ilustração:

Edson Rontani

Fotos:

Bárbara Belan

Assessoria de imprensa do XV

Revisão:

Guilherme Fuzatto

Mayra Ferreira

José Carlos Marques

BELAN, Bárbara Bressan.

Nhô Quim Centenário: 100 anos do E. C. XV de Novembro, de Piracicaba/
Bárbara Belan, 2014, pg. 102.

Orientador: José Carlos Marques

1. XV de Piracicaba
2. XV de Novembro
3. Piracicaba
4. Futebol
5. Interior
6. Cem anos

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de
Arquitetura, Artes e Comunicação.

Aos meus pais, por me apoiarem e
incentivarem em tudo que faço.

Agradecimentos

Agradeço a Unesp, pelo período em que tive a oportunidade de vivenciar experiências e aprendizados que levarei para a vida toda.

Ao meu orientador professor Dr. José Carlos Marques por cada crítica, ensinamento e acompanhamento que tornaram a realização deste livro possível.

Ao Professor Dr. Carlo José Napolitano, que apesar de não ter me orientado neste trabalho me acompanhou durante toda a graduação.

Aos professores do curso de jornalismo da Unesp.

Aos meus pais e a minha irmã, porque sem eles essa graduação não teria sido possível.

Ao meu namorado que me acompanhou em vários eventos e jogos descritos nesse livro.

A Deus, que me dá saúde e forças para continuar os meus projetos de vida.

Sumário

Prefácio.....	7
Um céu de estrelas.....	9
Sou Caipiracicabano.....	18
História de pescador, caso de torcedor.....	30
Chupa que a cana é doce.....	42
Já que tá que fique.....	57
O XV na terra do Arco, Tarco e Verva.....	73
Salve o XV de Novembro.....	88
Um século de paixão.....	98

Prefácio

Da mesma forma que Bárbara Bressan Belan faz um percurso histórico do centenário do XV de Piracicaba, farei um percurso histórico de nossa amizade antes de qualquer outra coisa.

Tudo começou há doze anos atrás quando cursávamos o Ensino Fundamental juntos. Ela sempre foi a menina responsável, de sentar na primeira carteira e responder todas as perguntas dos professores. Sempre participativa, isso não mudou em seus concertos de piano e apresentações de ballet, e tenho certeza que isso se manteve em sua graduação. Desde os primórdios de nossa amizade e, fazendo um paralelo ao centenário do clube que representa Piracicaba ao redor do mundo (sim, leitor, você leu certo: mundo!), nossa amizade foi construída aos poucos, como todo clube é constituído, como todo time é formado e como cada gol é marcado em campo.

Assim como os clubes, nossa amizade se tornou o que é, hoje, por conta de outros amigos em comum, alguns que entraram e saíram de nosso círculo social, outros que se tornaram cada vez mais presentes, fortalecendo a força desse laço criado; laço especial que tenho orgulho de dizer que já durou mais de uma década. Assim como o times, nossa amizade só foi possível ter esse laço por conta de toda a cumplicidade e companheirismo que os mais próximos conseguiram criar, e, principalmente, conquistar no arduo campo que é o coração. Assim como cada gol, cada vitória foi comemorada em conjunto: seja passar de ano e saber que continuaríamos na mesma sala de aula, como a vitória de passar no vestibular, conseguindo uma vaga na carreira dos sonhos. E tem a vitória principal, o título final que qualquer time e qualquer amizade pode ganhar: o de poder falar “Eu consegui!”.

O centenário do XV de Novembro, conhecido mundialmente como XV de Piracicaba, passa por todos esses caminhos: de perdas, de vitórias, de conquistas e de superação. De união, principalmente, e de companheirismo que une a cidade em um só coro: XV! XV! O percurso que a Bárbara faz em seu livro-reportagem é único, pois ela não só traça toda a linhagem do clube, mas também resgata, nas raízes caipiracicabanas, como o time se consolidou. Um percurso peculiar que a cada título dos capítulos remete a um momento importante ou a um fato que embarca todo o clube, e por tabela (olha o gol!), toda a cidade.

A contagem regressiva começa quando você, leitor, escolher ler esse livro e desfrutar da história do time da minha cidade e da cidade da Bárbara, autora desse livro-reportagem, que, como reger um concerto de música, escreve maestricamente os detalhes, as histórias, as pessoas, e faz você querer comprar a camisa do seu time, só para chamar de meu.

Em cada capítulo é possível encontrar um ponto de partida para a história do XV de Piracicaba, pontos que se lidos fora de ordem perdem o encanto. Cada capítulo, com o trato peculiar (e encantador) da linguagem usada pela autora transmite a essência do clube. Essência essa que você começa a desfrutar agora.

XV! Crá, crá, crá!

Guilherme Zamboni Fuzatto

Um céu de estrelas

É meia-noite. Mas não é qualquer meia-noite. É uma meia-noite estrelada. Estrelas coloridas tomam conta do céu de Piracicaba, nesse dia 15 de novembro de 2013. Mas não são estrelas. São fogos. Fogos de artifício que marcam a virada. Marcam a chegada de um dia histórico para a cidade. O Esporte Clube XV de Novembro faz 100 anos e deixa colorido o céu de Piracicaba. De colorido só o céu mesmo, porque as arquibancadas do Estádio Barão de Serra Negra estão em duas cores: preto e branco. As cores do XV. As cores que tomam conta do coração dos piracicabanos.

Mas como toda virada começa na véspera, vou voltar um pouco.

É dia 14 de novembro. Enquanto alguns torcedores se reúnem na frente do Barão bebendo e comemorando, diretores, jornalistas e a torcida elitizada se reúnem no Espaço Beira Rio, um salão de festas em Piracicaba, para ouvir a um concerto do maestro João Carlos Martins e a Orquestra Bachiana em homenagem ao centenário do XV. É o surdo de um lado e o piano de outro, é a caixa de um lado e o violino de outro, a bandeira de um lado e a batuta de outro. Cada um com seu instrumento empunhado. Preparem-se: o show vai começar.

O maestro João Carlos Martins chega para uma entrevista coletiva e afirma que no interior do Estado de São Paulo seu time do coração é o XV. Até começa enumerar algumas conquistas do clube. Mas já que estamos falando de música perguntei por que o hino do XV é tão importante para o time e para os torcedores. A resposta foi bem interessante:

- Eu digo o seguinte: se você for assistir a um filme que tenha uma linda historia de amor, quando acaba o filme, finalmente os dois protagonistas dão um beijo. Se o beijo não tiver música perde 90% da emoção. O gol é o ápice de uma partida. Não existe momento de maior importância do que aquele. Mas se você assiste ao mesmo gol um mês depois, sem música, é só mais uma jogada, com música ele mantém a emoção daquele momento.

Depois de falar um pouco de música, hora de ouvir um pouco de música. Com um repertório que unia o clássico ao popular João Carlos Martins emocionou a platéia. Mas o ápice da noite foi quando ele tirou o paletó e estava

vestindo uma camisa do XV por baixo. Nesse momento o seletor público escolhido para estar ali deixou a etiqueta de lado e transformou o teatro em arquibancada em um coro: Quinze! Quinze! Quinze!

Enquanto isso, no Barão...

Pessoas de todos os tipos e lugares começavam a chegar. Um piracicabano, residente em Campinas saía de sua cidade correndo para chegar a tempo dos fogos. O marido tirava a mulher da cama para ir ao estádio, torcidas organizadas se reuniam, bebiam e festejavam. A grande hora se aproximava.

Quando cheguei ao estádio o relógio do centenário que ficou responsável pela contagem regressiva estava marcando trinta minutos para a virada. Assim como eu, comecei a ver que muitas pessoas que estavam no concerto do maestro trocaram o terno e a gravata pelo uniforme quinzista e estavam agora misturadas com outros torcedores.

A música agora estava por conta das baterias das torcidas organizadas e pelos gritos desafinados de um coro apaixonado: “E ninguém cala, esse nosso amor, e é por isso que eu canto assim, é por você XV”.

Quando faltavam dez minutos para o relógio marcar meia noite começamos a entrar aos poucos no Estádio. Na arquibancada, mais uma centena de pessoas aguardando o que seria a única oportunidade de presenciar um evento tão importante para o time do coração. A brincadeira era frequente:

- Eu já falei que no próximo centenário do XV eu não venho!

- Ah, eu também não!

E riam. E brindavam. E continuavam a fazer piadas. Até que...

- Olha a contagem, pessoal! Menos de um minuto! Menos de trinta segundos!

- Dez! Nove! Oito! Sete! Seis! Cinco! Quatro! Três! Dois! Um!

Enquanto os primeiros fogos de artifício começavam a colorir o céu namorados se abraçavam, crianças pulavam, os torcedores mais fanáticos choravam, e aos poucos a bateria voltou tímida a unir as vozes, embargadas pelas lágrimas para cantar o hino do XV.

- Mas cadê o aniversariante para cortar o bolo? - Uma mulher provocava.

- O Celso corta! - Respondeu bravo, o marido.

Sim, o presidente representa o clube nesse momento. Mas o XV estava bem ali. No escudo que cada um trazia no peito. Na batida do surdo e na voz rouca. Nos abraços familiares e nos brindes amigáveis. Foi o aniversariante que reuniu aquelas pessoas desconhecidas naquele dia. E ele continua a reunir a cada jogo, cada gol, cada sofrimento que faz vizinhos de arquibancada se unirem em um só coro, chorarem as mesmas lágrimas e rezarem juntos no sufoco.

Se a noite terminou estrelada, o dia 15 de novembro de 2013 amanheceu ensolarado. Dia 15 é feriado. A cidade parece parada. Cadê a festa? As baterias? Os torcedores uniformizados? A verdade é que tudo parece normal em Piracicaba. Exceto por um lugar...

A festa do centenário era comemorada no salão do Sindicato dos Metalúrgicos, e dessa vez não tinha restrição. Qualquer um podia aparecer. Grupo de pagode na área e chopp à vontade, parece um bom programa para o feriado.

A festa não reuniu a mesma quantidade de pessoas que estavam presentes no Barão na noite anterior, mas lá estavam os mais apaixonados. Presidente, conselheiros, torcedores símbolos e claro, as torcidas organizadas.

O pagode foi quebrado apenas pelas batidas do surdo da Torcida Esquadrão, que convidava a todos a se juntarem no meio do salão para cantar, com o pouco de voz que restava, mais alguns cantos apaixonados. Aos poucos a galera se aglomerou e soltou a voz. Presidentes de duas torcidas organizadas diferentes se apropriaram dos instrumentos e fizeram a festa. Mas não está todo mundo aqui. Cadê o pessoal da ARXV?

A torcida Amor Real ao XV não participou da batucada. Na verdade continuaram por ali conversando e bebendo chopp, até que o som do meio do salão foi se extinguindo. Agora era a vez deles. Começaram a pegar os instrumentos e iniciar o que agora seriam os cantos da ARXV. Por que não tocar todo mundo junto? Cada um na sua, aos poucos essa bateria também silenciou e o pagode voltou.

A emoção estava à flor da pele. Afinal no dia 15 de novembro de 1913 o XV nascia para se tornar a paixão dos piracicabanos. O time tinha agora exatos 100 anos. Exatos???

Vamos imaginar que em certa data do ano de 1913 caipiracicabanos conversavam em uma manhã de sábado:

11 de outubro de 1913.

Era só mais um sábado de manhã. Acordei, tomei meu café, e como de costume abri a porta para pegar o jornal. Sentei na cadeira de balanço para ler a Chronica Social e ver se alguém importante aniversariava. Quando, correndo os olhos pela página, deparo-me com uma notícia sobre Foot-ball: “Será inaugurado hoje, nesta cidade, mais um clube de foot-ball, intitulado XV de Novembro. O clube, que é constituído de distintos rapazes terá seu campo na rua do Conselho”. Fui ter com meu irmão, que era mais entendido de desportos.

- Deu no jornal que vai ser inaugurado o XV de Novembro. Mais um time de foot-ball.

- Eu fiquei sabendo. Isso aí é obra dos irmãos Pousa e dos Guerrini. Fizeram unir o 12 de Outubro e o Vergueirense. Vai ser um quadro espetacular.

- Oras, e por que o nome XV de Novembro se nem um nem outro levavam esse nome?

- Isso eu já não sei.

Ele me deu um beijo na testa e saiu para encontrar com alguns amigos. Fiquei a cuidar da casa. Quando fui estender algumas roupas no varal encontrei-me com a Gertrudes, minha vizinha do lado direito, que estava a fazer a mesma coisa no seu quintal.

- Dia, Gertrudes.

- Dia.

- Já ta sabendo da novidade? Temos mais um time de foot-ball na cidade. E pelo que meu irmão falou o quadro vai ser de pôr medo nos adversários.

- Ah, eu fiquei sabendo sim. Meu marido disse que o Capitão Carlos Wingter foi convidado para ser o Presidente. Mas como você sabe, eu não gosto muito desse esporte. Acho muito violento.

- Deixa de besteira, Gertrudes. E o Capitão, aceitou o convite?

- Aceitou sim. Mas já chegou impondo condições.

- Ah, é?

- É. Disse que só seria o presidente se o time chamasse XV de Novembro, em homenagem à República. De certo é para fazer boa vista lá na Guarda Nacional.

Então é por isso o nome. O Capitão sempre foi mesmo comprometido com as causas republicanas. Agora resta esperar o primeiro *match* desse novo quadro.

16 de novembro de 1913 .

Passaram-se alguns dias e não se viu mais notícias sobre o XV de Novembro. Quando já estava a pensar que tudo não se passava de mais uma tentativa frustrada de criar um novo quadro na cidade, eis que surge a seguinte nota no Jornal de Piracicaba do dia 16 de novembro: “Realiza-se hoje às quatro e meia da tarde, no campo do Sport Recreio Normalista, um *match* de foot-ball entre o 1º team deste club com o 1º team do Club XV de Novembro”.

Pois o match foi realizado, e não foi muito feliz para o quadro que se inaugurava. Pôde-se ler em nota no dia seguinte: “A vitória coube ao Normalista que saiu vencedor por 2 gols a 0”. Mas continuei com uma pergunta na cabeça: se já esperaram tanto tempo para realizar esse match, por que não foi feito ontem no dia 15?

Vai saber. O fato é que pelo capitão ou não, essa imprensa está com problemas de datas. Tenho certeza que vi notícias sobre a inauguração do XV de Novembro no dia 11 de outubro, mas a cada 15 de novembro que passa a imprensa sempre registra: “E.C XV de Novembro completa hoje mais um aniversário de vida próspera e a simpática agremiação esportiva E. C. XV de Novembro.”

15 de novembro de 2013.

E foi assim por 100 anos. Em que a imprensa, a torcida ou os jogadores já não chamam mais o time de quadro ou o jogo de match. O “foot-ball” se abrigou e virou “futebol”, mas a imprensa continua trazendo informações sobre seu aniversário. Agora elas não aparecem em nota, mas sim em manchete na capa: “XV chega ao centenário hoje”.

Depois de dar uma voltinha no passado podemos dizer, então, que hoje o XV tem exatamente 100 anos e 34 dias de vida. Mas, exatos ou não, toda pesquisa sobre um time centenário começa com uma dificuldade: todas as pessoas que participaram de sua fundação provavelmente já estão mortas. Entretanto, isso não é problema quando se trata do XV graças à Delphim Ferreira da Rocha Netto.

Nascido em 6 de junho de 1913, em Itu, foi para Piracicaba com apenas seis anos e viveu na cidade até sua morte em 23 de agosto de 2003. Apesar da formação em contabilidade começou a trabalhar como jornalista esportivo com dezessete anos. Ao longo de seus noventa anos acumulou um acervo de aproximadamente cinquenta mil fotografias e cerca de trinta mil textos, livros, revistas e publicações sobre o esporte. O historiador Ruy Kleiner (que será melhor apresentado em outro capítulo) lembra com saudades da época que ia de bicicleta ouvir as histórias do velho jornalista.

- Todo mundo era fã do Rocha Netto, e não sei como eu consegui o endereço dele. Era na rua Gomes Carneiro, 815. Nunca vou me esquecer. Ele tinha uma coleção absurda de filmes, livros, fotos e também tinha muita paciência. Porque qualquer um que chegasse lá e falasse: “Eu quero conhecer a história do XV!”, ele passava horas contando. Mas não tive tanto contato com ele, porque ele já estava famoso naquela época. Sempre que eu chegava lá estava cheio de gente e eu ficava envergonhado. Sinto que eu devia tê-lo alugado mais.

Para saber um pouco mais sobre os anos da fundação do XV, fui no Espaço Memória Piracicabana, no Centro Cultural Martha Watts, em Piracicaba, onde se encontravam, até o momento da publicação deste livro, as coleções e arquivos acumulados por Rocha Netto durante a sua vida. E foi lá que iniciei minha pesquisa. Com máscara cirúrgica no rosto e luvas a mão, comecei a folhear livros, relatórios e jornais, que contam um pouco da história

do XV de Novembro desde o seu nascimento. As notas usadas na voltinha pelo século passado e algumas das informações encontradas a seguir foram extraídas desse rico arquivo.

Como já foi falado pelo irmão da nossa personagem de 1913, o XV nasceu de uma fusão. Naquela época a família Pousa gerenciava o Vergueirense, e a família Guerrini o 12 de Outubro. E em outubro de 1913 resolveram unir os times para montar uma equipe que representasse a cidade. Mas por que eles se uniram? Ruy Kleiner garante que essa história tem a ver com música.

- Tanto na família dos Pousa quanto na dos Guerrini existiam muitos músicos, e eles queriam tocar juntos. Daí, para conseguir fugir das mulheres no final de semana, eles resolveram unir os clubes. Assim, jogavam de dia e tocavam à noite. Claro que essa história é extra oficial, já que não é muito legal falar que a união aconteceu para que eles pudessem fugir das esposas. Mas tem muito registro no Rocha Netto sobre isso. Para você ter uma ideia, o Belmácio Pousa Godinho foi o primeiro ponta direita do XV e um de seus fundadores. Ele quem compôs o primeiro hino do XV. O próprio Erotides de Campos foi jogador e primeiro tesoureiro do time, bem como um compositor importante para a cidade.

Fui procurar registros no arquivo Rocha Netto sobre o assunto. E sim. A música é mencionada no episódio de fusão dos times. Nas palavras de Leandro Guerrini, um dos fundadores: “Eis se não quando Paco, nosso embaixador diplomático pespontou com uma proposta de arrasar: o Vergueirense, o clube da rua do Vergueiro, se propunha a uma fusão, uma fusão de utilidade pública, O Paco, como bom violonista, conhecia de serenatas o Belmácio, já flautista feito. Conversaram, trocaram opiniões e o projeto surgiu nas galas de uma realização proveitosa. Com a união de boas forças, surgiria, no mundo esportivo da terra, uma sociedade de respeito, armazenando bons futebolistas”.

Em relação a fugir das mulheres, também foram encontradas referências. O próprio Leandro Guerrini escreve sobre as intenções da fundação do 12 de Outubro: “Esporte Clube 12 de Outubro! Perfeitamente! Salve a pátria! Estava-se perto dessa data, feriado nacional. Descoberta da

América! Lindo! Praticamente a rapaziada da marcenaria Guerrini havia descoberto o mundo de seus desportos, sem varal de roupas, sem bronca das mulheres e dos mais velhos!”

Por futebol, mulher ou música, o fato é que se uniram e formaram o XV de Novembro. Como já explicado, o nome foi exigência do Capitão Carlos Wingter, como uma homenagem à Proclamação da República.

Então o XV é um time que já nasce com ideias republicanas? Cecílio Elias Neto, jornalista e historiador da cidade (que também será melhor apresentado a frente) responde:

- Sim e não. Nessa época a república era juvenzinha ainda. As ideias republicanas ainda borbulhavam. Ele era um capitão e queria ajudar a disseminar isso. Mas acho que isso foi mais pessoal do que do time como um todo. Os demais eram apenas apaixonados por futebol.

Como se pôde ler em jornais de 1913, o jogo de inauguração não foi muito feliz para o XV. Mas as derrotas ficaram para trás, e antes mesmo de completar um ano de existência, o XV já era campeão. Foi no dia 18 de outubro de 1914 que o XV de Novembro conquistou uma vitória de 3 a 2 contra a Associação Piracicabana de Esportes Atlético e com isso sagrou-se campeão da cidade. Na época, esse torneio era comum e sempre contava com 5 ou 6 times de Piracicaba. O XV foi campeão de 12 campeonatos piracicabanos.

Mas os títulos não ficaram somente na cidade. Dentre os títulos mais importantes desses 100 anos de história listam-se: 5 campeonatos paulistas da Série A2 (1947, 1948, 1967, 1983, 2011), 4 campeonatos do interior (1931, 1932, 1947, 1948), 1 campeonato Brasileiro da série C (1995), 1 Torneio início (1949) e 1 vice-campeonato Paulista da série A1 (1976).

O XV de Novembro surgiu como futebol amador, e, como toda equipe amadora, passou por uma série de dificuldades. Rocha Netto descreve que era comum a equipe entrar em campo com um, dois, ou mais jogadores com camisas e calções diferentes dos demais. Mas apesar das dificuldades é um dos poucos clubes brasileiros que nunca paralisou suas atividades. Em uma época que mudar de nome de acordo com as conveniências econômicas, o XV sempre manteve seu nome de batismo e nunca deixou de jogar.

Nesse ano do centenário o XV esteve entre a elite do Estado de São Paulo, disputando o Campeonato Paulista da série A1. A equipe terminou na décima colocação e fez bonito contra os grandes times da capital, levando milhares de torcedores aos estádios.

A torcida piracicabana é conhecida por ser apaixonada e por estar presente em jogos dentro e fora de casa. Está sempre entre os maiores públicos do estado de São Paulo. No ano do centenário não foi diferente. O XV foi o segundo time com maior média de público que não chegou à segunda fase do campeonato.

A paixão pelo futebol move o brasileiro, e a paixão pelo XV já nasce no coração de todo piracicabano. Coração que bate mais forte a cada rojão que explode no ar. A cada estrelinha que colore o céu. A cada grito, canto e choro. Choro que corre como um rio de lágrimas. Rio de Piracicaba. XV de Piracicaba. Coisas de Piracicaba, que só piracicabanos entendem. E o XV vai ficar centenário. É agora. Olha a contagem:

- Dez! Nove! Oito! Sete! Seis! Cinco! Quatro! Três! Dois! Um!

Abrem-se as cortinas, começa o espetáculo!

Sou Caipiracabano

Sou Caipira. Caipira da gema. Sou caipiracabano, sim sinhô! Durante as entrevistas ouvi muito isso. O senhor é piracicabano? Sim, caipiracabano. Eu mesma já respondi assim várias vezes. Sou caipiracabana. Mas afinal, o que é ser caipiracabano?

Para obter essa resposta fui falar com Cecílio Elias Neto, historiador e jornalista da cidade. Para encontrá-lo fui até sua casa, um lugar em que a cidade se mistura com o sítio. Rede na varanda, banco de madeira, cheiro de mato e canto de pássaro. Logo que cheguei já ganhei um elogio.

- A senhorita já mostrou que tem uma característica importante para um bom jornalista: a pontualidade.

Agradei e ele me convidou a sentar. Como é comum em muitas entrevistas foi ele quem começou a fazer as perguntas. Apesar de Piracicaba ter atualmente mais de 400 mil habitantes, ainda mantém alguns costumes de cidades pequenas. Um deles é uma pergunta que tem a finalidade muitas vezes de iniciar uma conversa, e encontrar conhecidos em comum.

- De que família você é? – sr. Cecílio me perguntou.

- Meu pai é Belan, e minha mãe é Bressan.

- Nossa. Eu tive um amigo da família Bressan. Você já ouviu falar do Walter Bressan?

- Sim. É meu avô.

- É, Waltinho! Era uma pessoa muito boa. Grande amigo meu. Mas morreu tão novo...

Sim. Ele morreu muito novo. Meu avô faleceu com 58 anos de infarto, e eu tinha apenas 3 anos. Mas algumas paixões dele foram passadas para os filhos e felizmente chegaram até mim. Uma delas é o futebol. Depois de me surpreender com algumas histórias de meu avô, que me agradam muito, consegui chegar a minha primeira pergunta.

- Afinal, sr. Cecílio, o que é ser caipiracabano?

- Para mim caipiracabano é uma maneira de ser. O piracicabano é generoso, acolhedor. Eu costumo dizer que Piracicaba é a mais mineira das cidades paulistas, até na comida, no trato. Quando dizem que Piracicaba exclui

as pessoas é mentira. Desde o século XIX havia internatos aqui, a ESALQ, o colégio Piracicabano, o colégio Assunção, os frades capuchinos. Famílias inteiras mandavam os filhos para cá. E sempre foram bem acolhidos.

- E o nosso sotaque? Muita gente tenta esconder atualmente o jeito caipira de falar. O que o senhor pensa disso?

- Essa é mais uma das besteiras do Brasil, ou melhor, da Globo (Rede Globo de televisão). Porque a linguagem faz parte da identidade de um povo. Piracicaba só tem a se orgulhar, porque aonde vamos, já nos identificamos pelo nosso jeito de falar, principalmente o “R”. Aí eu te pergunto: porque o sotaque do carioca todo mundo acha bonito e o nosso não? E ele responde dizendo que “isso também é culpa dos piracicabanos que não reconhecem esse tesouro que é a nossa linguagem.”

*

Isso me fez pensar todas as vezes que já me senti lisonjeada quando praticamente me parabenizam por não ter sotaque piracicabano. Todas as vezes que me segurei para não falar o “R” característico daqui perto de pessoas de fora. E me lembrei principalmente do meu primeiro ano de jornalismo. A primeira matéria prática que temos na faculdade é jornalismo radiofônico, e logo de cara somos instruídos a não demonstrar sotaque, sendo que não demonstrar sotaque é utilizar o sotaque paulistano.

Como podemos nos orgulhar de um sotaque que nos coloca em situações constrangedoras, de zoação e zombaria? Pois concordo com o sr. Cecílio. Deveríamos nos orgulhar sim. Se o *carioquês* é bonito e invejado, porque o *caipirês* deve ser escondido? Praticar jornalismo também é mudar conceitos.

- E de onde vem esse sotaque?

- Esse linguajar na verdade é um linguajar do estado de São Paulo, é a mistura do índio com o português arcaico. O índio não tinha o “L” que chamamos de retroflexo. O “Al” acabou virando “Ar” pra eles. O dialeto é essa mistura. Existem estudos muito sérios sobre isso. No império, o senado da época queria vetar o surgimento da faculdade de direito de São Paulo, a São

Francisco, porque o paulista falava errado. E a região de Piracicaba conservou essas características. Eu acho isso fantástico, porque mesmo com o advento da televisão conservamos nossa identidade.

*

Cecílio Elias Netto fala com paixão da linguagem e do povo piracicabano. Para ele, os piracicabanos que têm vergonha do sotaque não conhecem as maravilhas da cidade. Ele é capaz de enumerar uma porção de personalidades importantes para a política do Brasil que são filhos de Piracicaba. Um deles é Prudente de Moraes, primeiro presidente civil do Brasil. Ele nasceu em Itu, mas já morava em Piracicaba quando iniciou sua vida política.

Durante o início da conversa falamos sobre a identidade do povo piracicabano, e aproveitei para começar a falar sobre o XV.

- E o XV? Ajuda nessa identificação?

- Com certeza ajuda muito. Nós temos o Nhô Quim, o hino popular, que são elementos de identificação do nosso modo de ser e da nossa linguagem.

Essa pergunta gerou uma conversa sobre esses dois elementos em particular, mas isso fica para os próximos capítulos.

- O XV interfere na política local da cidade?

- Hoje nem tanto, mas interferiu. Muitos políticos foram presidentes do XV para se fortalecer politicamente. Como exemplo temos o Bento Dias Gonzaga, que foi deputado e presidente do XV; o João Guidotti, presidente do XV e candidato a prefeito. O próprio Romeu Italo Rípoli, o presidente mais polêmico que o XV já teve, foi vereador e presidente da câmara.

- Falando sobre o Rípoli, li em um artigo no qual o senhor escreveu que a paixão do Rípoli pelo XV beirava a irracionalidade.

- Ah, quando o Rípoli morreu acabou o XV.

Nossa conversa foi interrompida por um suspiro de alívio do sr. Cecílio quando viu que o passarinho, que estava dentro da casa sem conseguir sair, finalmente achou a porta e voou para fora. Desde o início da conversa ele se mostrava incomodado com o passarinho que não saía, dizendo-se angustiado.

- Eu fico nervoso de ver eles presos, tadinhos. Agora tô mais tranquilo.

- Que bom que saiu mesmo. Eles entram sempre aqui?

- Ah, é direto. Tem macaco aqui também, sagui. Você não viu?

- Aqui não, mas na minha faculdade também tem muito sagui. Mas voltando a falar sobre o Rípoli, o senhor acha que um presidente como o Rípoli daria certo atualmente?

- Sim. O Rípoli era esperto. Provocava, mas sabia a consequência que ia gerar. Nós éramos muito amigos. Tenho uma porção de histórias sobre ele.

Romeu Italo Rípoli também era um caipiracicabano. Nasceu e cresceu em Piracicaba. Filho de imigrantes italianos herdou traços característicos do país dos pais, como o jeito enérgico e o modo ríspido de falar. Graduou-se pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiróz, a ESALQ, e trabalhou no Serviço Estadual de Agricultura. Mas foi como presidente do XV que Rípoli se destacou. Ocupou o cargo em dois períodos: entre 1959 e 1966 e entre 1973 e 1983. Durante esses períodos levou o XV na famosa excursão pela Europa e pela Ásia, e foi vice-campeão do Campeonato Paulista de Futebol, o maior título do time até a data do centenário.

Se existe algo em comum em todas as minhas entrevistas sobre o XV é o nome Rípoli. Torcedores, presidentes, funcionários e jogadores, todos citam o ex-presidente em algum momento. Falem bem ou mal, um consenso sobre o assunto é que Rípoli era um homem polêmico.

- Me conta alguma história dele então.

- Vou contar uma boa. Existia o Campeonato Brasileiro que os times eram convidados a jogar. Isso foi na época da ditadura. O Almirante Heleno Nunes era o presidente da CBF, e o Rípoli me falou: vamos fazer uma visita para ele. Ele me pediu, pelo amor de Deus, para que minha falecida mulher, Mariana, fosse junto, porque ele ia levar a esposa dele, a dona Belinha. Chegamos à visita e eu ainda não entendia porque o casal tava indo. O almirante chegou e eu e o Rípoli entramos. Ele pedia pro almirante: põe o XV no campeonato. E o Almirante respondia que não podia. Na hora da despedida ele falou: Almirante, minha mulher está ansiosa por conhecê-lo e quer prestar uma homenagem à senhora sua esposa. Eu fiquei assustado porque eu não sabia o que era. Eles abriram a porta, estava a Mariana e a Belinha. A Belinha

tava com um negócio na mão e começou a discursar como um robô: estou aqui para homenagear a sua senhora que é o símbolo da mulher brasileira. Ele pegou o presente e a hora que ele abriu sabe o que era? Um colar de esmeraldas. Pensei que a gente ia ser preso por corrupção.

- E o que aconteceu?

- Ele mandou um telegrama alguns dias depois, convidando o XV pro campeonato. (risos)

A outra história ripoliana, como apelidou o sr. Cecílio, eu já tinha ouvido falar. Conta-se que em um dia de jogo do XV, o Rípoli deu um almoço em sua casa. No almoço esteve presente o próprio Cecílio, o José Emílio de Moraes, presidente da Federação Paulista na época, e o juiz que presidia o departamento de árbitros, o Oltem Aires de Abreu. Quando acabou o almoço Rípoli anunciou ter comprado um vinho italiano especialmente para o juiz, e exigiu que fosse ele quem fosse buscar e servir o vinho. No dia seguinte o juiz estava em todos os jornais falando que Rípoli tentou comprá-lo, porque ao abrir a geladeira para pegar o vinho deu de cara com um pacote de dinheiro. Rípoli muito calmo inverteu a situação: Eu é que denuncio o Olten. Ele roubou meu dinheiro. A geladeira é minha, o dinheiro é meu. E se é meu, ponho onde eu quiser! E ficou por isso mesmo.

Com esse gênio forte e essa malandragem política é mais fácil imaginar que Rípoli criou mais inimizades do que amizades dentro do futebol. Mas o sr. Cecílio não é o único a admirá-lo. Mais adiante no capítulo será fácil perceber que a relação do presidente com seus jogadores estava longe de ser conflituosa. As polêmicas tinham de ficar da porta para fora.

*

Como eu imaginava, sr. Cecílio também tinha uma forte ligação com o XV de Piracicaba. E essa ligação começou aos nove anos de idade, quando o XV entrou para a primeira divisão do futebol estadual da época e precisou reformar o estádio para atender às exigências da Federação. O pequeno Cecílio foi levado pelo pai para ser mais um entre os voluntários convocados pelo prefeito para agilizar a reforma.

- Eu carregava o tijolinho e entregava pro meu pai. Isso foi no antigo estádio ainda, da Regente. Até hoje eu tenho um tijolo daquele estádio guardado, guardei quando foram demolir.

O estádio ao que Cecílio se refere é o estádio Roberto Gomes Pedrosa, conhecido como Estádio da Rua Regente Feijó. Lembro-me nitidamente o dia que meu pai ficou sabendo que aquele estádio seria demolido. Apesar de o XV não jogar mais lá havia anos, meu pai não concordava com a demolição. Todas as vezes que passávamos em frente ele falava: “Um estádio desses deveria servir de espaço para a criançada, para treino, projetos sociais, mas nunca para um supermercado.” Sr. Cecílio compartilhava da mesma indignação.

- Fui uma vez lá no supermercado Extra e falei pro gerente: vocês estão pisando em sangue, no suor e lágrimas de nossos heróis que estão aqui no chão, e vocês transformaram isso numa casa comercial.

Como disse no começo do capítulo, Cecílio Elias Neto é jornalista. Não por formação, mas por profissão. Trabalha com isso há 57 anos. E mesmo aos 73 anos não parou de escrever. Foi por isso que foi convidado a escrever um capítulo no livro oficial do centenário do XV. Conversando sobre o livro ele me contou que tem um amigo da cidade de São Paulo que está editando o livro.

- Ele já editou muitos livros de futebol, é especialista na área, mas me garantiu que nunca viu uma paixão de uma cidade inteira assim por um time.

- Não tem como separar o XV da cidade de Piracicaba né?

- Não. O XV é umbilical. Tanto que ninguém fala XV de Novembro. Todo mundo fala XV de Piracicaba.

Acho que o XV também é um caipiracicabano. E se é para falar de caipiracicabanos, fui atrás de alguns conterrâneos que fizeram história no clube. E na maioria das vezes jogadores, diretores e torcedores que encontramos por aqui não iniciam sua vida com o XV apenas na idade adulta. A grande maioria das histórias que ouvi foi mais ou menos assim:

- Mudei para perto do XV quando eu tinha seis anos. Mudei na rua Alferes, no ultimo quarteirão. Na época eu nem brincava com bola, mas eu tinha um irmão mais velho quinzista que me falou: isso é futebol! Eu escutava aquele tropé que tinha lá de domingo e fui lá ver. Depois acabei pegando

gosto, fazendo amizade. Mas a gente não tinha dinheiro pra assistir o jogo, então a gente ficava atrás do gol fora do estádio. Quando a bola caía pra fora a gente pegava e dava a volta pra devolver, daí, ganhávamos ingressos e podíamos entrar. Quando dava sorte de pegar precisava ser rápido, porque a turma batia na gente pra pegar a bola. Depois comecei a jogar no infantil, juvenil, amador, segundo quadro e assim foi indo. Só sei que com 17 anos minha mãe precisou assinar um papel para eu poder jogar.

- Eu vivia nos jogos do XV. Todo jogo eu tava lá no antigo campo. Mas jogar mesmo eu comecei no infantil, com 13 anos de idade. Nessa época a gente jogava descalço, porque só a partir do juvenil usava chuteira. Depois fui subindo, fiquei juvenil e subi pro amador com 16 anos. Lembro bem do meu primeiro jogo amador. O XV tinha dois goleiros: o Orlando e o Fernandes. O Fernandes se machucou na semana do jogo, daí fui e fiquei na reserva. Foi contra o Santos.

- Ah, eu já gostava de ir ao campo desde criança. Lembro que minha mãe me dava um dinheirinho pra ir à matinê do cinema ou no futebol, mas eu queria ir nos dois. Daí, eu ia ao cinema, depois ficava esperando cair as bolas pra fora do estádio. Quando dava sorte eu pegava a bola e entrava. Eu tinha vergonha, tinha gente que chegava mais cedo, pedia pros jogadores que estavam chegando pra carregar as chuteiras, daí o jogador fazia entrar, mas eu tinha vergonha. Então eu ficava pegando as bolas. Depois, mais pra frente eu treinei no juvenil do XV.

Esses depoimentos são de três caipiracicabanos que têm uma longa história com o XV. O primeiro é Antônio dos Santos, conhecido como Cardeal, ele tem 92 anos e uma memória invejável. Ele vestiu a camisa do XV durante os anos de 1938 e 1939 e depois novamente de 1945 à 1948. Durante sua segunda temporada no XV, Cardeal fez parte da equipe que se sagrou bicampeã do interior, nos anos de 1947 e 1948. Piracicabano nato, que mesmo durante o tempo em que se ausentou do XV foi para jogar em outro time da

cidade, e afirma que teve propostas de outros clubes, mas não sairia daqui nem morto.

- Eu tive proposta do Guarani, e até uma vez, não oficialmente, um jogador do Taubaté me cutucou pra que eu jogasse para eles. Mas num saio daqui não.

- Têm algum jogo que o senhor acha o mais importante da carreira?

- Todos esses jogos do interior foram importantes. Porque era difícil. Mas teve um jogo XV e Guarani, em 1948. O XV estava em primeiro lugar e o Guarani tava em segundo, a gente não podia deixar eles encostarem. Vários jogadores estavam suspensos e tivemos que jogar com muitos reservas. Dei sorte de fazer o único gol da partida, e ganhamos de um a zero. No outro jogo, que foi o pra ficar campeão mesmo eu machuquei o joelho e não joguei, mas o XV ganhou de cinco a um. O XV tinha um senhor quadro.

Cardeal ainda tem o costume de chamar o time de quadro, e fala sobre o futebol do interior com um olhar tenso, de quem sofreu um bocado com duras partidas e um salário que não chega aos pés dos salários de jogadores atuais.

- O senhor vê muita diferença do futebol que o senhor jogava para o de agora?

- Nossa, era duro viu. A diferença que eu acho é que antigamente o cara tava aí correndo com sangue escorrendo e tava jogando, hoje caem à toa, depois levantam e saem correndo como se não tivesse nada. Outra coisa é que agora parece que o futebol virou comércio né? Esses jogadores ganham muito, e tem aqueles cartolas também, aqueles lá comem dinheiro.

Hélio Fernando Sacconi, ex-goleiro do XV e autor do segundo depoimento sobre sua infância no XV, também compartilha essa opinião. Para ele o futebol ficou muito mercantilizado e perdeu o romantismo.

- Por exemplo, na época que eu jogava a imprensa toda ficava por lá, sentada no gramado. Daí, quando acabava o treino a gente ficava conversando. Hoje para dar uma entrevista tem que falar com pai, assessor, empresário. Fora o contato com a torcida.

- Como assim?

- Antigamente, no estádio Roberto Gomes Pedrosa, a coisa pegava mais, porque o alambrado ficava muito perto do gramado. Então se um jogador

adversário ia bater um lateral, o torcedor já puxava a camisa, gritava, a pressão era maior. Por isso que chamavam aqui de Panela de Pressão.

*

Quando comecei a procurar personalidades importantes que deviam ser entrevistadas para o livro fiquei surpresa ao encontrar matérias sobre o goleiro Hélio. Isso porque eu não o conhecia como goleiro do XV, mas como pai da Cibeli, professora de ginástica acrobática da minha irmã. Como eu disse acima a paixão por esportes do meu avô me contagiou, mas eu não fui a única afetada. A minha irmã sempre gostou de esportes, e hoje cursa Educação Física. Coincidentemente na casa do sr. Hélio foi meio parecido. Ele tem duas filhas, uma educadora física e uma jornalista. Mas cursar educação física não foi opção apenas de sua filha. Diferente da maioria dos jogadores atuais, que não cursam nível superior, sr. Hélio é formado em Educação Física pela Escola Superior de Educação Física de São Carlos. Ele se mudou para a cidade para unir o útil ao agradável: se formar e jogar no São Carlos Clube.

*

Outra característica peculiar do sr. Hélio é que quando perguntei sobre os jogos importantes de sua carreira ele me contou sobre uma derrota.

- Ah, teve vários jogos importantes, mas teve um em Jundiaí que foi importante pela guerra que havia. Em 1966 foi um trem de Piracicaba cheio de torcedores assistir um jogo do XV contra o Paulista de Jundiaí, mas quando acabou o jogo aconteceu uma briga muito forte, com torcedores dos dois lados jogando entulho, do estádio deles que ainda estava em construção, de um lado para o outro. Daí, em 1967 a gente estava jogando a divisão de acesso, porque tinha caído. Na fase final ia ser um torneio entre o XV, o Paulista de Jundiaí e o Bragantino, quem ganhasse era campeão. Como já existia essa rivalidade quando fomos jogar lá em Jundiaí foi bem complicado. Paramos num posto de beira de estrada, trocamos de roupa, colocamos o uniforme e entramos em um

camburão da polícia que veio pra nos levar até o estádio. Não sei como a torcida descobriu que a gente tava lá, só sei que chegando no Pacaembu a torcida começou a jogar pedra no camburão. Daí, o camburão entrou de marcha ré, mas mesmo assim ficou uns 4 metros do portão. Abriram a porta pra gente descer e só dava a torcida jogando pedra e soltando fogos de cima pra baixo pra pegar na gente. Entramos correndo e já nos colocamos bem no meio do campo, todo mundo junto, de medo de acertar alguma coisa na gente. A galera atirava pedra com estilingue. Acabamos perdendo, mas naquele dia, mesmo perdendo, ganhamos o bixo de honra ao mérito.

Se ele traz essas características peculiares, em uma coisa ele não difere dos outros entrevistados: falou do Rípoli. E, como eu já adiantei, me surpreendeu com a resposta. Ao ouvir sobre o gênio de um Rípoli exigente e político, eu imaginava que os jogadores, que o tiveram como presidente, falaria do medo que sentiam com ele por perto. Mas foi exatamente o contrário.

- Foi o Rípoli que me profissionalizou. Ele meio que me apadrinhou, gostava de mim. Eu era menino e frequentava a casa dele porque o filho dele era da minha idade, o Caetano Rípoli, a gente passava a tarde brincando.

- E como era ter ele como presidente enquanto jogador?

- Os jogadores do XV eram os melhores jogadores do Brasil pra ele. Ele nos colocava lá em cima, era até gostoso de ouvir as entrevistas dele.

De presidente para presidente passamos para o autor do terceiro depoimento sobre a infância vivida nos campos do XV. Ele é Rubens Leite do Canto Braga e já foi de tudo um pouco no XV, menos jogador. Conselheiro, diretor, técnico, preparador físico e até presidente do XV no ano de 2012. Atualmente ele é conselheiro vitalício por já ter ocupado o cargo da presidência e faz questão de participar das decisões do clube. Além dos cargos que ocupou no clube, Rubens Braga também participou da política da cidade, foi vereador e tem orgulho em falar que fez parte da comissão de obras do estádio Barão de Serra Negra, atual estádio do XV. Ele é o exemplo vivo que o futebol e a política sempre se misturaram em Piracicaba.

- Nesse período de 1963 e 1964 nós tínhamos um prefeito que foi um dos melhores prefeitos que Piracicaba já teve, o Luciano Guidotti. Ele tinha

muita facilidade em administrar o município e fez diversas obras. Uma delas foi o Barão, e eu fiz parte disso.

Sr. Rubens Braga gostava mesmo de esporte. E não era só de futebol não. Assim como sr. Hélio, ele é formado em Educação Física pela Universidade de São Paulo e chegou a atuar no futebol, no basquete e no voleibol.

- Por causa da faculdade eu morei um tempo em São Paulo, fiz concurso pra ser técnico da Federação Paulista e fui efetivado. Trabalhei um tempo por lá, mas eu estava louco pra voltar pra Piracicaba; daí, foi criada uma delegacia regional de Educação Física pra que eu pudesse vir pra cá e não perder o cargo que era efetivo. Foi nessa época que fui convidado a ser preparador físico do clube.

E essa paixão por esportes não diminuiu com a idade. Com 84 anos, ele joga basquete de veteranos duas vezes por semana.

- Hoje a gente finge que joga, é mais uma brincadeira. Jogam os mais velhos, mas sempre chegam uns mais novos também porque senão não dá time. Mas eu não faço muito esforço, se um moleque pega a bola e sai correndo, eu deixo que vá. Não aguento correr atrás dele.

E nem poderia né. Fiquei pensando quem na casa dos 80 tem o costume de sair correndo atrás de algum moleque exibido em quadra.

Com experiência de esportista e político, sr. Rubens não tem uma explicação romântica para a fama do XV. Quando pergunto sobre um time de interior ser conhecido por diversos torcedores em várias regiões do Brasil ele me dá uma explicação lógica.

- Pra começar o XV já é bem antigo. Em 1931 já foi campeão do interior, sempre estive entre os melhores times do interior. Outro fator que ajuda é a camisa zebrada, que chama a atenção. Ganhamos o Torneio Início, que chama atenção. Fora a quantidade de gente que vem estudar aqui na ESALQ e depois vai embora gostando do XV. Muita coisa então ajudou a divulgar o nome do XV. Não se pode esquecer do basquete também, que foi um espetáculo durante uns 10 anos. Era o melhor da América Latina. Ninguém ganhava da gente.

- Como o senhor falou, o XV é um time antigo. E o que o senhor pensa ao fazer parte da história de um time centenário?

- Ah, eu gosto muito. Faço questão de participar de tudo. Fui eu que lutei para sair o selo em comemoração ao centenário. Adoro selos. Tenho uma coleção. Vou te mostrar.

Levantamos e o segui até a sala em que sua mulher estava fazendo tricô ou crochê, não entendo muito disso. Ele começou a mexer em uma porção de pastas que estavam em uma gaveta. Selos e broches de todos os tipos estavam catalogados e organizados. Esportivos, religiosos, políticos. Ele explicou que começou a colecionar por causa do esporte, mas com o tempo amigos e conhecidos sabendo de sua paixão começaram a dar os artigos de presente, e, hoje, já somam mais de mil. Sua mulher insistia que ele estava me entediando.

- Ela não quer ver isso, não. Se você deixar ele vai mostrar a coleção inteira para você, menina.

Mas eu não me importava. Mesmo que a entrevista demorasse horas. Como uma boa caipiracicabana, também gosto de ouvir histórias da cidade e do XV. Meu primeiro jogo ao vivo também foi do XV, mas diferente deles quando nasci, o XV já jogava no Barão. O que não difere é aquele olhar atento, encantado de uma criança que só viu aquilo bem distante na telinha de uma televisão. Agora é tão próximo, se eu chegar mais perto ali do alambrado consigo até ouvir o que os jogadores falam. Também já consigo ouvir a voz do meu pai me chamando de volta, para ficar segura perto dele. Oba! Vou ganhar um sorvete.

História de pescador, caso de torcedor

O rio de Piracicaba/ vai jogar água pra fora/ quando chegar a água/ dos olhos de alguém que chora.

Graças à música “Rio de Lágrimas”, famosa na voz de Tião Carreiro e Pardinho e de Chitãozinho e Chororó, e regravada ainda por mais de 150 intérpretes, o Brasil inteiro sabe que Piracicaba tem um rio. O rio tem peixes, os peixes atraem pescadores, e pescadores contam histórias. Por isso há quem diga que a cidade de Piracicaba tem muitos mentirosos, que gostam de contar “causos” e aumentar o tamanho do peixe.

José Maria Cervi já foi chamado de mentiroso várias vezes. Muitos contam sua história como se fosse lenda. Eu, nascida e criada em Piracicaba, já ouvi essa “lenda” várias vezes, e resolvi procurar seu autor para me contar pessoalmente o “caso do gol inédito”.

Aconteceu que em 1949, em uma noite de chuva e ventania, o XV de Piracicaba recebia o Santos no estádio da antiga rua do Comércio, atual Governador Pedro de Toledo, para uma partida pelo Campeonato Paulista daquele ano. O Santos vencia por 2 a 1, e quando faltavam uns 5 minutos para acabar o jogo, o XV recebeu um escanteio. José Maria Cervi, ponta direita do XV, conhecido como Russo, pegou a bola para bater. Ele bateu e correu para a área. A bola, empurrada pelo vento, voltou na direção do ponta, que cabeceou e marcou. Dentro das leis do futebol o gol não poderia ser validado, pois a bola não bateu em nenhum outro jogador antes de entrar, mas o juiz que estava apitando a partida se confundiu, e acabou validando o gol que garantiu o empate do jogo.

Após um telefonema, Russo veio a minha casa para me contar o feito. Chegou em seu Fusca de 1972, por quem é apaixonado, e pediu para falar com a jornalista Bárbara. Eu, empolgada fui recebê-lo e começamos a conversar.

- O senhor não é Piracicabano, é?

- Não. Sou de Juiz de Fora, no Rio. Depois mudei pra Barra Mansa. Jogava no amador de lá.

- E como veio parar aqui?

- Eu vim convidado. Isso é importante colocar no livro – salienta Russo - Vim a convite do presidente do XV na época, João Guidotti, irmão do prefeito Luciano Guidotti.

- E acabou ficando?

- Me seguraram aqui por causa da escola (ESALQ). Meu pai era espanhol e dizia que não tinha criado filho pra jogar futebol. Eu só poderia jogar se continuasse estudando e trabalhando. Eu já tinha me formado em Química, e disse que só poderia jogar se me arrumassem algum estudo, daí me arrumaram um estágio e acabei vindo pra cá.

- Mas o senhor foi até para a Europa depois?

- Sim. Eu já tinha ideia de rodar o mundo. Mas acabei não me dando bem lá. Rompi o ligamento em Mônaco, mas, mesmo machucado, eles exigiam que eu jogasse, daí não deu certo.

- Da onde veio o apelido Russo?

- O “Russo” veio quando eu morava em Barra Mansa, era menino ainda, tinha cabelo loirinho, era o terror das meninas (risos). Na época eu estudava num colégio de padre, jogava nos times amadores da cidade, e os técnicos me chamavam de “Russo” por eu ser loirinho. Agora sinto falta dos meus cabelos, acho que vou comprar uma peruca (brinca).

- Sua esposa é Piracicabana né?

- Pois é. Por causa dela que voltei pra cidade. Conheci a Vilma, minha esposa, quando joguei em Piracicaba; mas como eu tinha ideia de ir pra Europa, eu falei pra ela: “Olha. Não vou tomar seu tempo. Porque quero rodar o mundo.” Mas daí uns 10 anos depois encontrei com uma prima dela em São Paulo. Perguntei da Vilma e descobri que ela não tinha casado. Depois de uns dias, recebi um telefonema dela e aí acabou a minha vida (risos). Começamos a sair e, depois de uns 3 anos, já estava casado, e voltei pra Piracicaba.

Russo me trouxe vários recortes de jornais, fotos e materiais sobre o gol que foi a verdadeira razão da entrevista, e finalmente começamos a falar disso. Ele foi me mostrando as fotos e salientou que já teve que narrar mais de mil vezes o episódio. Comigo não seria muito diferente.

- Mas como o senhor conseguiu esse feito?

- Eu fui atleta. Praticava atletismo na escola, eu corria os 100 metros. A minha característica era a velocidade. Eu não era um grande jogador, mas eu tinha velocidade. Então como estava ventando e a bola voltou, corri bastante e consegui cabecear.

- E a torcida ainda lembra do caso?

- Qualquer lugar que eu passe aqui o povo grita: “Ei, Russo”. Me tratam como se eu fosse filho da cidade. Na minha família sou o único que não é piracicabano, mas sou apaixonado por essa cidade.

Depois que parou de jogar futebol, José Maria Cervi fez o curso de Direito e hoje, aos 85 anos de idade, trabalha como advogado no Sindicato dos Atletas, em São Paulo. Está tentando montar um tribunal para os esportistas. Ele afirma querer ajudar os atletas porque a maioria não tem cultura.

- Na minha época não era assim, a gente não ganhava tanto. Agora eles ganham muito só que não estudam, depois não sabem o que fazer com o dinheiro, se machucam, não dá certo e passam necessidade.

Foi em um dia de trabalho no sindicato que Russo conheceu Kaká, ex-jogador do São Paulo e pentacampeão do mundo pela Seleção Brasileira. Ele se lamenta por ter esquecido de trazer a foto que tirou com ele e promete passar em casa depois para deixar comigo mais esse arquivo pessoal.

- Um dia estava no escritório e a secretária me chamou falando que o Kaká estava lá e não estava acreditando no gol que eu fiz. Eu falei: “Pois é menino. Fiz um gol que você nunca vai fazer.” Daí ele quis tirar uma fotografia comigo. Gosto dele desde a época que ele jogava no São Paulo, porque sou são paulino, mas primeiro torço pro XV.

O XV costuma ser a primeira paixão de muita gente na cidade. É o que acontece também com Emília da Rocha Lima, mais conhecida como Lili. Considerada torcedora símbolo do XV de Piracicaba, Lili tem o Corinthians como segunda paixão e até ajudou a fundar a Gaviões da Fiel, maior torcida organizada corinthiana, quando morava em São Paulo.

- E quando o Corinthians vem jogar aqui?

- Daí eu fico quietinha.

- Mas torce para quem?

- Pro XV, né! Time grande sabe se virar depois. O pequeno que sofre. Então tem que torcer pro XV ganhar.

Dona Lili, ou melhor, só Lili, porque se chamar de dona ou senhora ela fica brava, me recebeu em sua casa em uma quarta-feira à tarde. Estava muito calor e conversamos no abrigo de sua casa mesmo. Perguntei como havia começado essa paixão pelo XV de Piracicaba, ela deu risada e disse que já tinha respondido isso mil vezes. Mesmo assim ela repetiu pela milésima primeira vez que, quando criança, morava no sítio e, como havia poucas mulheres que iam ao campo, ela pegava as amigas e ia. Ela acredita que quem nasce em Piracicaba já nasce com essa paixão. É paixão caipiracicabana.

Com ar de quem está acostumada a dar entrevistas sobre o assunto, ela mesma se perguntou:

- Faz quanto tempo que eu torço pro XV?

- Já faz uns 50 anos, viu? Porque se estou com 66, e torço desde menina, então já faz uns 50.

- E por que eu torço pra um time do interior?

- A gente tá na cidade, tem que valorizar aquilo que a gente tem. No nosso país o futebol tá sempre em primeiro plano, então temos que torcer pro time da cidade.

Deixei-a terminar e assumi novamente a entrevista.

- E você está sempre nos jogos?

- Aqui em Piracicaba eu vou em todos. Só quando operei o joelho teve dois jogos que eu não fui. O complicado é essa copinha (ela fala da Copa Paulista), que não atrai ninguém, não tem sensação, emoção. Com o Campeonato Paulista é mais gostoso, é mais vibrante, aquele campo cheio, dá pra fazer aquela ola bonita. (fala emocionada)

- Já foi em caravanas?

- Nossa senhora, já viajei tanto com o XV. Agora não tô indo mais porque eu ia com a Super Raça, e agora a maioria casou. Uma vez por ano a gente vai pra Aparecida pra agradecer tudo de bom que se passou no ano e as boas viagens que fizemos, a não ser o ônibus que quebrava, que isso é normal.

Ao falar de Aparecida, Lili se refere à cidade popularmente conhecida como Aparecida do Norte, famosa pelo turismo religioso que atrai devido a Basílica de Nossa Senhora Aparecida. A Basílica guarda a imagem da Nossa Senhora achada pelos pescadores, que deu à Santa o título de padroeira do Brasil.

- Em que época do ano vocês vão?

- Geralmente depois que acaba a copinha. Vamos para agradecer a boa saúde que ela dá pra gente e a vontade de torcer.

- E como é ser mulher nesse meio de torcida?

- O ambiente é masculino, mas o pessoal já tá aceitando bem. Já montei torcida, movimentei, presidi a Unida Quinzista por 4 anos, mas agora largo pros meninos porque é muito cansativo fazer essas coisas.

No fundo, achei que ela fosse dizer que era difícil e que já sofreu preconceito por frequentar as arquibancadas, mas ela me garantiu que isso nunca aconteceu. Pelo contrário: ela impõe respeito, dá bronca, e até os jogadores consideram ela uma tia, porque mãe eles já têm.

Desde 2010, Lili, além de frequentar as arquibancadas, está em todas as reuniões do Conselho do XV. Ela tem orgulho de falar que foi a primeira mulher a ser eleita conselheira, junto com mais uma amiga, Maria Ângela, e até hoje as duas vão juntas aos jogos e às reuniões.

- Em 2010 fizemos um pacto. Fizemos um grupo e combinamos de todo mundo que era sócio tinha que tentar ser conselheiro. Conseguimos tirar 13 torcedores da arquibancada e jogar pro conselho. Até o presidente do XV saiu da arquibancada. Eu sempre tava com ele. Via um ratinho branco na arquibancada, era o Celso. Hoje está na Presidência.

- E você acha bom torcedor participar do conselho?

- É o torcedor que vê as coisas erradas no campo, que passa sufoco com o time, vê a má administração, e como o conselho serve pra fiscalizar o que os órgãos maiores fazem, tem que ser gente que está por perto, olhando tudo o que está sendo feito. Somos o conselho mais presente até hoje, nunca foram feitas tantas reuniões. Fazemos pelo menos uma por mês.

Com cara de menina briguenta e que sabe o que quer, ela afirma que o XV vai ser campeão no próximo ano, e explica a sua lógica.

- Ano passado sofreu pra não cair. Esse ano já foi mais tranquilo. Então ano que vem vamos ser campeão. Não é difícil time do interior ser campeão. O Bragantino já foi, a Inter de Limeira também, então isso pode acontecer.

- E você é sempre otimista?

- Eu falo que se é pra ser pessimista melhor nem sair de casa. Vou pro campo pra torcer pra ninguém? Perdendo ou ganhando, vamos torcer lá. Ficamos todo esse tempo roendo o osso, agora estamos comendo filet mignon, então sempre falo: “Vamos ganhar!”

Na quarta-feira, dia 25 de setembro, fui conferir como essa torcedora fanática se portava em dia de jogo. A partida foi XV contra Audax, pela Copa Paulista e ia começar às 20h no Barão. Cheguei uma hora antes para entrevistar Carlinhos, o presidente de uma das torcidas organizadas do XV, mas isso é matéria para outro capítulo. Entrei no bar Stadium, que fica na frente da entrada principal do Barão. É lá que os torcedores da ARXV se reúnem antes da partida, mas o Carlinhos ainda não tinha chegado. Quem já estava lá era a Lili e fui cumprimentá-la. Com ar de dona da casa, me recebeu com um bom abraço e me apresentou aos amigos.

- Até com esse frio você vem no jogo?

- Sempre, né!?

Quando entrei no estádio fui direto para as cadeiras cativas, e lá estava ela. Eu pedi se podia tirar algumas fotos e logo ela já foi movimentando o pessoal todo para tirar uma foto em grupo. Claro que todos obedeceram. Se existem torcedores que contam histórias, eu percebi que ela é quem faz história por ali.

Na cativa o clima é diferente. O que se vê são amigos e conhecidos se cumprimentando e se xingando o tempo todo. Tudo vira motivo de piada. Quando Lili me apresentou, falou que eu estudava em Bauru e, logo, um deles já comentou:

- Então você torce pro Noroeste. Não pode ficar aqui, vai dar azar!

- Mas eu sou Piracicabana, fui morar lá só para estudar.

Não adiantava explicar. Ele me chamou de noroestina até o fim do jogo.

Enquanto isso, a Lili gritava, xingava e se isolava. Isso mesmo, naquele frio, com todo mundo empoleirado, ela prefere sentar em uma fileira de cadeiras sem ninguém, e fica lá concentrada no jogo.

O jogo terminou 1 a 1 e fui falar com ela.

- Não deu pro XV hoje, Lili?

- Fazer o que, né, menina? Tem que mandar benzer tudo esses jogadores!

Pode perder o jogo. Mas ela não perde a fé.

Apesar do empate, esse dia me rendeu boas histórias. Se for para falar de torcedores símbolos do XV, encontrei com um que escuto falar desde que nasci. O nome dele é Paulo Gimenes Castilho, mas todo mundo conhece como Saponga.

Durante o dia é comum encontrar Saponga arrastando seu carrinho de limão pelas ruas da cidade. Vendedor de limão, mandioca e sorvete, com 58 anos, Saponga é figurinha carimbada na cidade e todos conhecem a sua paixão pelo XV.

- E ai, Saponga, Beleza?

- Tudo beleza.

- Vamos ganhar esse jogo ou não?

- Ah, tem que ganhar, né? Vai ganhar sim.

Saponga estava perambulando pela geral quando fui falar com ele. Cheguei como quem não quer nada, mas logo já comecei a fazer minhas perguntas.

- Faz quanto tempo que você torce pro XV?

- Ah... Desde menino, lá pela década de 69, 70.

- E você tá em todo jogo né?

- Ah, em casa não perco jogo.

- E fora de casa?

- Agora não vou mais. Mas antes eu ia em toda cidade. Mesmo quando não tinha caravana, eu pegava um ônibus na rodoviária e ia.

- Por que te chamam de Saponga?

- Ah... Isso foi um amigo meu quando a gente era mais novo. A gente tava no bar que tinha aqui dentro do Estádio num jogo, daí ele começou a me

chamar de Saponga pra me irritar. Porque Saponga era um bandido famoso. Daí eu ficava bravo. Mas com o tempo, todo mundo começou a me chamar de Saponga e comecei a me acostumar. Hoje eu gosto.

- E mesmo quando o XV tá mal, passando por uma fase difícil, você vem aos jogos?

- Eu *num* abandono o XV. Vou te contar uma história: teve um ano que o XV tinha que ganhar do Comercial para não cair. Eu tava bravo e resolvi não ir ao jogo. Mas a hora que ouvi os rojões, avisando que ia começar a partida, eu não aguentei e vim.

- E o que aconteceu no jogo?

- O XV ganhou.

- E todo mundo te conhece aqui na cidade, né, Saponga?

- Ah... Todo mundo. Eles sabem que eu amo o XV.

Pois é. Todo mundo sabe e eu também sei. Não tem um jogo do XV que eu tenha ido que o Saponga não estivesse presente. Mas o que mais me marcou foi a final do Campeonato Paulista da série A2, de 2011, contra o Guarani. E agora peço licença, que sou eu quem vai contar um “causo”.

*

Esse dia o sangue piracicabano estava pulando nas veias. Antes mesmo de começar o jogo, a rivalidade dos piracicabanos contra os campineiros estava instalada. Enquanto os torcedores do Guarani passavam do outro lado da rua para entrar no campo, a fila de quinzistas já ensaiava: “Campineiro Viado!!!” E foi assim até o final do jogo. E o final não poderia ser mais dramático, diga-se de passagem.

O Guarani ficou na frente no placar a maior parte do tempo, e pareceu não sentir a pressão de mais de 18 mil torcedores que estavam no campo torcendo pelo time da casa. Mas aos trinta e um minutos do segundo tempo, Adilson empatou para o XV e levou a decisão para a prorrogação.

Penso ser dispensável falar o quanto um torcedor apaixonado sofre nos 30 minutos que precedem a disputa por pênaltis. Mas o inevitável aconteceu. A decisão do Paulistão seria nas penalidades máximas.

Voltando ao Saponga, lá estava ele. Vidrado, paralisado e não pude deixar de observar. Sofria a cada cobrança como se ele mesmo tivesse que ir para a bola. Mas o sofrimento não foi em vão. Nas cobranças, o XV venceu por 4 a 2 e levou o título paulista da série A1, de 2011. Saponga caiu em lágrimas. Abraçado à sua bandeira alvinegra depois de comemorar com muita gente, entrou no campo e por lá ficou. Como se fosse lá o seu lugar. O lugar onde encontra a pessoa amada, ou no caso dele, o clube do coração.

O Saponga é a típica representação do torcedor quinzista: Caipira, tranquilo, sofredor e apaixonado. Muitas vezes ele é confundido com o Nhô Quim, a representação do Caipira, que também virou símbolo quinzista.

*

Faremos uma pausa para explicar o “causo” do Nhô Quim que é uma história à parte. Os primeiros relatos que se tem desse personagem é de 1869, muito antes do surgimento do XV. O italiano Ângelo Agostini lança uma história em quadrinhos chamadas “As Aventuras de Nhô Quim”, que conta a história de Nhô Quim, um caipira que se muda para a cidade do Rio de Janeiro e fica chocado com aquela civilização meio rural, meio urbana.

Mas o que se escuta em Piracicaba é que Nhô Quim surgiu como um símbolo do XV. O jornalista e historiador de Piracicaba, Cecílio Elias Netto, explica:

- Nhô Quim vem de Senhor Quinze. É o jeito caipira de falar: Senhor, Sinhô, Nhô. Quinze, Quim. Nhô Quim. Ele surgiu porque a gazeta esportiva dava apelidos, nomes ou símbolos aos times de São Paulo. O Santos era a baleia; o Palmeiras, o periquito; o Corinthians, o mosqueteiro. Quando o XV entrou na televisão, eles fizeram um caipira e o nomearam de Nhô Quim. Depois de alguns anos, o Edson Rontani, jornalista e cartunista da cidade de Piracicaba, começou a desenhar também e colocar suas características e, hoje, o Nhô Quim mais conhecido é dele. Mas em todo lugar que você fala Nhô Quim, sabe que é de Piracicaba.

*

Para encerrar este capítulo que falam das grandes figuras que fazem história no XV não poderia faltar o corneteiro oficial do clube: Paulo Morais Júnior, o Jubão.

Fui encontrar o torcedor em um ambiente nada futebolístico. A Câmara dos Vereadores de Piracicaba, onde ele trabalha. Mas, para a minha surpresa, a sala do vereador Laércio Trevisan, onde fui encontrá-lo, tem mais pôsteres do XV do que muita sala na própria sede do clube, além de muitos outros corneteiros que por ali trabalham.

- Por que o apelido Jubão, se seu nome é Paulo?

- Ah, esse apelido é desde a minha juventude. Eu tinha o cabelo cumprido, daí ficava aquela juba, então ficou Jubão!

- E desde quando você torce pro XV?

- Torço desde moleque. Minha vó morava há um quarteirão do Estádio, daí eu vivia lá.

Como todo torcedor símbolo, Jubão tem sua peculiaridade. Ele é conhecido como o corneteiro oficial do clube. Sempre que vai aos jogos ele não consegue ficar sentado, então fica andando perto do alambrado. Antes da reforma do Estádio, tinha uma placa que indicava a saída bem em frente ao banco de reserva do time visitante. Jubão ficava batendo na placa e incomodando os técnicos adversários. Com a reforma, a placa foi tirada, mas na reinauguração o Presidente da época, Luís Beltrame, mandou colocar uma placa com a mão de Jubão para que ele pudesse continuar com a sua função.

- Minha função é ficar atormentando os técnicos. Durante a semana a gente já pega, xereta algumas coisas pra pegar no pé.

- Então tem toda uma pesquisa prévia?

- Claro. Vejo as vezes o nome de esposa, filha, daí fico perturbando. O que mais deu repercussão foi a do Tite, mas já teve muitos. Tem técnico que sai de lá depois do jogo e fala: “Cara, você me tirou do sério.”

Ao falar do Tite, Jubão se refere à partida que o Corinthians veio jogar em Piracicaba, pelo Campeonato Paulista de 2013. Ele ficou o tempo todo

cornetando e chamou a atenção de um repórter da Globo, que o acompanhou durante o jogo e fez uma matéria sobre ele para o Globo Esporte.

- Você assiste a todos os jogos em casa?

- Agora está mais difícil por causa do serviço. Mas sempre que dá eu vou.

- E caravana? Já foi em alguma?

- Já fui muito. Mas agora quando vou acompanhar o time fora de casa, vou de carro pra levar minha filha e a sobrinhada.

- Eles também já pegaram gosto?

- Sim. Minha sobrinha vai no jogo e fica lá batendo na placa.

- E torcida organizada? Já participou?

- Particpei uma época do Esquadrão, com o Gema. Até já montamos a torcida São Dimas, eram mais pessoas de idade, mulheres, e a gente ficava na cativa. Porque se você vai com a molecada em caravana, molecada é fogo, então criamos a Amigos de São Dimas, pra ir mais sossegado.

- Mas você concorda com torcida organizada?

- Eu concordo desde que não tenha essas brigas que andam acontecendo aí fora. Porque já passei cada uma...

- O que já aconteceu?

- Ah... A polícia que não respeita ninguém. Não quer saber quem foi e já chega na bomba, borrachada.

- Você se lembra de alguma situação específica?

- Uma vez eu estava em Limeira e a polícia soltou a torcida do Inter e do XV ao mesmo tempo, e começou a cruzar torcedor. Nesse dia eu tinha levado um primo meu que nunca tinha ido ver jogo do XV. Eu falei pra ele ficar esperto que ia sair briga. Para sair do tumulto, nós corremos e entramos no ônibus. A polícia mandou todo mundo descer do ônibus e montou um corredor. No que você descia levava borrachada. Depois mandou voltar e dá-lhe borrachada. Ninguém tinha feito nada e tomamos pelos que fizeram, então é complicado.

Comentei que fui assistir a um jogo na cativa e senti que o clima era diferente, de muita intimidade e amizade entre os torcedores.

- Olha, o que eu tenho de amizade por causa do XV, vou te contar, viu? Tenho um grupo inteiro de amigos que é tudo por causa do XV. Tem até

torneio de torcidas do XV, quem participa é a Esquadrão, ARXV, a São Dimas e a Super Raça. A gente joga e depois faz um churrasquinho.

- E como você se sente sendo apontado como torcedor símbolo?

- Tem horas que é bom, tem horas que é ruim. Tem muita gente que critica o que a gente faz, mas onde você vai o pessoal te conhece, e isso é gostoso. Até em São Paulo, esses dias, um cara falou que tinha me visto na TV.

Quando falei que o XV é conhecido no Brasil inteiro, antes mesmo do Jubão responder, surgiu uma voz do outro lado do gabinete e gritou:

- O XV é conhecido no mundo, meu bem.

O Jubão deu risada e continuou:

- É verdade. Sempre que viajo levo camisas do XV, daí sempre tem gente que cumprimenta. Em Ubatuba, um vendedor de porta latinha me falou que o mais vendido era o do XV.

Eu já passei uma situação parecida em Maceió. Estávamos na praia e um vendedor abordou meu pai. Meu pai, brincalhão, falou que só iria levar se ele tivesse do XV. O vendedor abriu um sorriso e disse que então ele teria que comprar. O vendedor não só tinha vários porta latinhas do XV, como também falou que vendia muito bem e dificilmente elas ficavam encalhadas.

É pode ser história de pescador, lenda ou folclore, mas torcedor do XV sempre tem muito caso para contar.

Chupa que a cana é doce

“Chupa que a cana é doce”: interjeição de vitória. Mesmo significado de “chupa essa manga”. Assim é classificada a expressão que ganhou força em Piracicaba. Expressão que eu escuto desde pequena nesta cidade. Para quem não sabe, a principal fonte de renda de Piracicaba é a economia sucroenergética. A cidade cresceu e se desenvolveu cercada por plantações de cana-de-açúcar. Segundo o IBGE, somos a sétima cidade produtora de cana do Brasil. E a maioria dos piracicabanos já sentou em frente ao rio para tomar caldo de cana. No meu caso fui além. Era comum na minha infância chupar cana direto da plantação com meus pais. Eles descascavam e davam para a gente chupar. Sim. A cana é doce. Mas a expressão que abre o capítulo não é tão doce assim. Mas falaremos dela mais para frente. Agora é hora de contar por onde comecei a escrever este livro.

Começar a escrever nunca é uma tarefa fácil. Começar a escrever um livro é ainda mais difícil. Sempre me perguntava: como começar? Por onde? Qual será minha primeira entrevista?

Não comecei por entrevista nenhuma. Não comecei pelo primeiro capítulo e tão pouco terminarei com o último. Mas este capítulo me remete ao início, porque, ironicamente, comecei um livro reportagem cercada de jornalistas. Comecei ouvindo e observando. Eu não conhecia ninguém e nem sabia direito o que eu estava fazendo ali. Mas aos poucos, timidamente fui ganhando espaço, e de tanto ouvir comecei a ter ideias, e das ideias nascem as palavras que preenchem os livros. O meu livro. O livro que eu não sabia por onde começar.

Claro que eu já havia lido muito a respeito do XV e pesquisado nos arquivos do Rocha Netto, como falei no primeiro capítulo. Mas estou falando de contato. E o primeiro contato que eu tive com o universo quinzista foi no Bate Bola “100 anos em 90 minutos” que abria a exposição “100 anos Rocha Netto”. Sim. O jornalista Rocha Netto, que tem o maior acervo do Esporte Clube XV de Novembro, também faz 100 anos em 2013. E para comemorar a vida de um jornalista, nada melhor do que convocar a imprensa da cidade para falar sobre o time do coração do aniversariante.

Cheguei ao local e me senti uma barata tonta. Todos se cumprimentavam, conversavam e riam; eu fiquei em um canto apenas observando o movimento. Finalmente fiz meu primeiro contato. Consegui falar com o assessor do XV, o que se tornou um passo importante para o futuro. Sempre que precisei de algum contato ou de credencial para os eventos comemorativos, o celular do assessor era o primeiro número a ser discado.

O Bate Bola teve início, e alguns dos jornalistas e radialistas que conversavam agora compunham a mesa de abertura, para contar os causos da imprensa local. Como já foi dito neste livro, ouvir e contar causos é algo apreciado pelos piracicabanos, ainda mais se estes forem profissionais da comunicação. Daí, ninguém segura.

- A gente estava em Fortaleza. Chegamos no sábado de manhã e o jogo era só no domingo. Nisso, tava todo mundo lá em baixo tomando cerveja, e o Edvaldo Tiets, radialista também, não descia. Peguei o telefone e liguei para o apartamento dele imitando o sotaque nordestino: “É seu Edvaldo? Aqui é da TV Jangadeiro. Me falaram que o senhor é o melhor repórter do Brasil.” E ele respondeu: “Ah, sou eu mesmo.” E eu continuei: “Então o senhor se arruma, põe uma camisa bonita, que vou mandar uma equipe de reportagem e o senhor vai ensinar como faz matéria.” Desligamos o telefone, demos risada e esquecemos. Daqui a pouco o Tiets desce correndo e vai para a rua. Deu alguns minutos e ele voltou com uma camisa nova, sentou no saguão do hotel e ficou esperando até as 16h. Depois de horas ele percebeu que não chegava ninguém e foi embora. Acabou que morreu o assunto, isso foi há 20 anos, e ele só ficou sabendo que eu que fiz isso há uns 3 anos atrás. (Mário Luiz, 61 anos, radialista.)

- Eu estava em uma transmissão de jogo e aconteceu um pênalti. Daí, chamei meu repórter: “Foi pênalti, fulano.” E ele respondeu: “Isso! Pênalti”. E ao invés de ele dar a versão dele do lance, como normalmente acontece, percebi que ele foi repetindo tudo o que eu dizia. Eu pensei: “Que coisa estranha.” Aconteceu o gol e ele continuou repetindo tudo o que eu dizia. E eu já estava ficando bravo, pois se é para repetir tudo o que eu falo não precisa

dele. Depois que acabou o jogo eu fui descobrir que esse meu repórter teve dor de barriga e teve que correr para o banheiro fazer suas necessidades durante o jogo. Então, ele não estava vendo nada, por isso estava repetindo. Tava com microfone, fio e tudo no banheiro. (Gérson Mendes, 64 anos, radialista.)

- Foi em Santos. O jogo era Santos e XV de Piracicaba. O XV estava dependendo do resultado de Ferroviária e Noroeste para saber se precisava ganhar ou só empatar para não ser rebaixado. Então a gente queria atrasar o início da partida para saber o resultado de lá primeiro. Daí, eu combinei com os jogadores do XV que eu ia fazer um remelexo e embramar os fios da transmissão no meio do campo para retardar o início do jogo. Os fiscais e o árbitro queriam cortar os cabos, mas os jogadores do XV não deixaram. Daí, ficamos lá meia hora desembramando os fios e conseguimos atrasar o jogo. Com isso, ficamos sabendo que o jogo da Ferroviária contra o Noroeste tinha terminado em empate, então o XV só precisava empatar para não cair. E conseguiu. Não fomos rebaixados. Isso foi em 1986. Eu era repórter da Rádio Alvorada. (Dinival Tibério, 71 anos, radialista.)

Cada caso contado arrancava boas gargalhadas da plateia. E notei uma situação peculiar. Estavam ali sentados diferentes radialistas, de rádios concorrentes da cidade, contando causos e histórias sobre a convivência entre eles durante as coberturas dos jogos do XV. Esse clima de amizade é comum? A concorrência das rádios não gerava certa inimizade?

- Essa amizade não é comum não. Inclusive, eu sou de Petrópolis, e quando eu cheguei aqui em Piracicaba havia uma burra maneira de comportamento de uma emissora pra outra. Ninguém falava com ninguém. Mas quando cheguei não conhecia ninguém, e o Mario Luiz da Educadora, é rio-clarense, e também estava chegando na mesma época. Então a gente foi quebrando isso e criando uma amizade. Acho que aos poucos o pessoal foi vendo que ficar com inimizade era uma besteira. Tinha gente que vivia junto por causa do XV e nem sentava na mesma mesa. Se quebra o carro de alguém como faz? A outra emissora tem que acudir. Então hoje temos essa mentalidade - garante Gérson Mendes, radialista da Onda Livre.

Essa amizade deles e as boas histórias me convenceram de que eu precisava dedicar um capítulo à imprensa. Afinal, são anos percorrendo o Brasil afora para cobrir jogos do XV, dormindo torto em banco de ônibus, comendo em posto de estrada e muitas vezes passando alguns perrengues até durante as transmissões, como foi falado nos depoimentos acima.

Foi assim que resolvi ir atrás deles quando a mesa terminasse. E fui.

- Seu Dinival, o senhor pode conversar um pouco comigo sobre o XV? É que eu estou fazendo um livro para a faculdade sobre o centenário do clube.

- Posso menina. O que você quer?

- Achei engraçado o caso que o senhor contou de atrasar o jogo. Hoje não dá mais para fazer isso, né?

- Ah, não. As transmissões nem são mais por fio. E hoje é mais rígido. Acho que o árbitro iria mandar tirar todo mundo dali. (risos)

- E o senhor tem muita experiência, né? Faz quanto tempo que cobre o XV?

- Já faz mais de 50 anos. Mas a minha história com o XV é longa. Sou piracicabano. Meu pai foi goleiro do XV. Era o Tibério. Jogou de 1940 a 1945. Eu não me lembro, nem tinha nascido, mas o Rocha Netto falava muito bem dele. Então tá na história do XV. Eu também sempre me envolvi com o XV. Já fui diretor do profissional e do amador e também conselheiro. Então tá no sangue.

- E o senhor sente alguma diferença no futebol que era jogado no início de sua carreira e o de hoje em dia?

- Tem muita diferença. Hoje o futebol é nivelado por baixo. Falam agora que o Neymar é craque. Se fosse antigamente, ele não passaria nem na frente da Vila Belmiro. Não dá pra comparar com o Pelé, igual a ele não aparece nunca mais. Melhor que o Neymar a gente tinha o Rivelino, Zico e Garrincha. E naquela época jogador ganhava pouco e jogava muito, hoje ganha muito e joga pouco. Fora que eles têm muita mordomia. É fisiologista, nutricionista, bola de última geração, chuteira de última geração. Atualmente, o jogador craque é aquele que tem mais preparo físico, e não o mais habilidoso. Antes para jogar no amador de Piracicaba já tinha que ser craque, agora qualquer um joga no XV.

Saudosista, Dinival Tibério começa a falar das épocas de glória do futebol do interior, e como a maioria dos meus entrevistados, falou sobre quem? - Romeu Ítalo Rípoli.

- O futebol do interior era muito mais valorizado por causa do Romeu Ítalo Rípoli. Ele era presidente do XV, e comandava as equipes do interior. O interior tinha mais força na federação, e os times grandes respeitavam a gente porque muito jogador daqui ia jogar na capital. Piracicaba pode se orgulhar. Revelou campeões do mundo. O Coutinho foi campeão em 1962 e o Nilton De Sordi, em 1958. Hoje ninguém nem lembra.

Quando acabei de falar com ele, notei um problema: não havia sobrado mais ninguém na sala. Todos os outros radialistas e convidados que estavam por ali saíram correndo aproveitar o resto da noite de sexta-feira e perdi a chance de conversar com mais alguém. Foi aí que o Galvão, assessor de imprensa do XV, entrou em ação pela primeira vez.

- Galvão. Preciso dos telefones dos jornalistas que cobrem o XV. Tem como você me arrumar?

- Me passa um e-mail que te faço uma lista.

E ele fez. O primeiro da lista que me atendeu não era radialista e nem estava presente na mesa que me inspirou a escrever o capítulo. Foi o jornalista Leonardo Muniz, editor de esporte do Jornal de Piracicaba. Ele pediu que eu o encontrasse no trabalho mesmo, e lá fui eu para o Jornal.

- Há quanto tempo você trabalha aqui?

- Faz 3 anos. Primeiro eu cobria o XV como repórter, e agora sou editor.

- Mas você continua indo aos jogos?

- O que mudou é que agora eu vou menos aos treinos durante a semana, mas nos jogos continuo indo.

- Você é piracicabano?

- Sim.

- É quinzista?

- Não vou falar que eu sou muito quinzista. Já fui de arquibancada, de viajar pra ver jogar. Mas isso porque sempre gostei de futebol. Às vezes eu pegava o carro e ia para São Paulo para ver Corinthians, Palmeiras, São

Paulo, não importava o jogo. Até para Europa já fui ver jogo. Mas claro que por ser da cidade a gente sempre tem um carinho.

Essa resposta de que ele não era muito quinzista não me convenceu muito. Principalmente porque alguns dias depois nos encontramos no Barão. Era a noite da virada. O XV estava prestes a fazer 100 anos. Era a reunião dos torcedores mais apaixonados pelo clube. E quem estava lá? Leonardo Muniz. Gritando, cantando e chorando como qualquer outro torcedor. É, jornalista esportivo também tem time do coração.

- É difícil ser imparcial?

- Não, porque eu tenho muita consciência do trabalho que faço. O XV é um time de futebol como outro qualquer. A diferença é que para os piracicabanos ele é especial. Mas não adianta falar que tá jogando bem se não estiver. Leitor não é tonto. E o torcedor daqui acompanha. Vão aos jogos, então vão saber se eu estiver falando besteira. Quando você entra no jornal acaba distanciando um pouco. Tenho amizade com jogadores, técnicos, diretores, mas se essa amizade não me permitir fazer uma crítica, então não é amizade.

- Você falou que o torcedor daqui acompanha. Você tem um feedback dos leitores?

- Vou te contar uma história que resume bem isso. Todo dia a gente dá uma matéria do XV. Só que às vezes o jornal é mais curto, daí reduz o número de páginas do jornal todo. E um dia desses tinha jogo da Seleção e do Palmeiras, e o XV estava de férias. Então não publicamos nada do XV. Foi a primeira vez em dois anos que eu estava aqui que a gente não deu nada do XV. No dia seguinte um leitor ligou aqui pedindo para falar comigo. Ele perguntou: “Sr. Leonardo, eu queria saber por que não tem uma matéria do XV no jornal.” Eu respondi que era porque o XV estava de férias e não tinha nada de novo. Ele respondeu: “E não tinha como você fazer uma matéria falando que não tinha acontecido nada?” (risos). Então, esse feedback existe sim. Eu sou colunista também, e quando eu escrevo sobre o XV a quantidade de email que eu recebo é muito maior do que qualquer outro assunto.

- E como é o relacionamento com o clube?

- Acho que o trabalho bem feito é sempre valorizado. Se eu fizer alguma besteira eles vão me repreender, mas se eu fizer uma matéria boa eles vão me elogiar.

- Mas você tem carta branca para criticar?

- Sim. Já fiz matéria de denúncia de problema de conselho, de atraso de salário. Acabou a época que você chegava ao estádio e falava quem fez o gol ou deixou de fazer. A internet já faz isso. Agora você tem que ter outras informações, e se começarmos a defender o XV só porque ele é de Piracicaba nossa credibilidade vai por água a baixo.

Depois da entrevista contei que resolvi escrever este capítulo por conta do evento que reuniu radialistas da cidade. E começamos a falar sobre a amizade da imprensa.

- Os radialistas geralmente viajam juntos, ficam no mesmo hotel. O nosso relacionamento com os radialistas é bem legal, mas com os outros impressos já é diferente. Eu não diria conflitante, mas é mais distante. É porque eu não vou ligar para alguém do outro jornal e falar: “Olha, não pude ir ao treino hoje. Como foi?” Mas, por outro lado, eu posso fazer isso com meus contatos das rádios, e vice versa.

Falando em rádio, hora de visitar um radialista, já que foram eles que me inspiraram a escrever este capítulo. O papo agora é com Gerson Mendes. Nascido em Petrópolis, mudou-se para Piracicaba em 1986. Define-se como um profissional bastante veterano e com muita história para contar. Tem esposa, filhos, netos e um carinho imenso pela nossa cidade.

- Essa minha luta aqui em Piracicaba me rendeu o título de cidadão piracicabano. Vou receber agora em novembro [de 2013]. É por serviços prestados à comunidade. Tudo isso eu devo ao futebol, ao microfone.

Conta orgulhoso que, antes de vir para Piracicaba, trabalhava em uma rádio em Minas Gerais, e chegou a cobrir Copa do Mundo, campeonatos nacionais, Libertadores...

- Com toda essa experiência, qual a diferença que o senhor vê quando se cobre uma Copa do mundo, ou um campeonato nacional em relação a um campeonato de interior?

- São diferenças grandes. A empolgação é a mesma, o contexto da equipe de narração é a mesma, só muda o título do campeonato. A diferença é que são eventos que trazem um algo a mais pra nossa carreira. Na prática a técnica do trabalho é a mesma coisa.

- E a estrutura?

- Com a tecnologia agora deve estar cada vez mais diferente. Quando fui à Argentina, em 1978, foi criado um centro de imprensa com monitores, chamados transmissão *off tube*, quando não se podia ir ao campo. O ouvinte não sabe se você tá no campo ou na frente de um tubo. Mas quando eu fiz a copa de 78 você nem era nascida, né?

- Não.

- Em 82 também não?

- Não. (risos)

- Estou vendo que tenho idade para ser avô.

Pois é. Nasci em 1992 e até agora presenciei cinco Copas do Mundo. Isso se considerarmos a de 1994 também. Mas é claro que com dois anos de idade ninguém se lembra de muita coisa.

- Mas então, eu gostaria hoje de ir à um centro de imprensa só para ver como está em relação a minha época. A facilidade para transmitir de um centro de imprensa deve ser mil vezes maior que da minha época.

- Como você vê o XV hoje, no ano do Centenário, após acompanhar o clube por tanto tempo?

- É tudo uma evolução. Diretorias com pessoas que tenham competência administrativa sempre procuram fazer o melhor. Hoje, no ano do centenário, por exemplo, temos uma administração muito competente, o que não significa que sempre vai responder em campo. Há uma diferença estrutural grande de quando eu comecei a cobrir. O próprio Barão era outro. Não vou opinar como o time está em campo, mas estruturalmente hoje o XV está muito bem.

- E a torcida quinzista? É muito apaixonada?

- Não é bem assim, não. Se fosse assim em todos os jogos, teríamos capacidade total, 19 mil torcedores, e não é o caso. A média de público apaixonado na cidade é de três mil pessoas. Embora tenha que ver condição

financeira, climática, o XV até que tem uma boa torcida, sim. Tanto é que, entra ano sai ano, e o XV está sempre entre a quinta ou a sexta maior torcida do Estado de São Paulo, incluindo os times grandes.

- Você sente essa presença nas transmissões?

- Todo mundo entra em contato com suas emissoras de preferência. A gente faz sorteio de brindes e é um inferno de gente ligando. Mas, apesar disso, eu gosto de testar minha audiência sem dar brindes pra ver a audiência real mesmo. Por jogo ligam cem, cento e cinquenta, oitenta. Depende do dia, do horário, mas o XV realmente tem uma boa torcida que é uma maravilha.

- Dá para falar que a transmissão esportiva é um dos carros chefes da emissora?

- Ah, isso não. Não tem nada a ver uma coisa com a outra. Hoje o maior faturamento da emissora é a rádio FM. Inclusive a AM logo vai acabar. O futebol hoje não é fundamental numa emissora.

*

Eu sinceramente espero que não acabe. Só quem já ouviu uma transmissão esportiva por rádio sem imagens nenhuma por perto sabe do que eu estou falando. Uma vez pegamos um congestionamento na volta da praia e estava na hora de um jogo que minha família toda queria assistir. Meu pai colocou na rádio, e o percurso que deveria demorar 20 minutos demorou quase o jogo inteiro. Ficamos ali. Ouvidos atentos, e olhos que não sabiam o que fazer. Só era possível imaginar. E quando o locutor parava de falar o que acontecia em campo para fazer merchandising era um Deus nos acuda. Qualquer notícia poderia vir depois. Uma delas foi positiva. Gol. E comemoramos como se estivéssemos em campo. Quando finalmente chegamos ao apartamento e conseguimos ligar a televisão, o jogo nem tinha sido tão emocionante assim. Decepção geral. Minha mãe soltou: Vamos voltar para o carro? E senti que o rádio tinha conseguido unir a família inteira e nos fazer dar asas à imaginação de uma forma que a televisão jamais conseguiria.

*

Quando terminamos a entrevista já estava na hora do Gérson entrar ao vivo em seu programa matinal. Perguntei se poderia entrar no estúdio junto para tirar algumas fotos, e acabei entrando mesmo em uma fria. Não só ele me deixou entrar como me fez sentar ao seu lado e falar ao vivo sobre meu livro para os ouvintes. Acabou sendo muito divertido, saí de lá com várias fotos e muita história para contar.

- Bárbara, você precisa de mais alguma coisa? Tem o telefone do Mario? Pode colocar aí no seu livro que é meu amigão.

- Tenho só o telefone da rádio.

- Então vou te passar o celular.

Alguns dias depois liguei para o amigão do Gérson, marcamos uma entrevista na rádio Educadora. Aí, começou a confusão. Saí de casa em uma sexta-feira à tarde faltando apenas dez minutos para a entrevista. Afinal a Educadora é muito perto de casa. Cheguei à rádio e me apresentei à secretária.

- Oi. Meu nome é Bárbara. Tenho uma entrevista marcada para daqui há cinco minutos com o Mario Luis. Ele já chegou?

- Mario? Não tem nenhum Mario aqui não.

- Como não? Ele é locutor da rádio.

- Espera um minuto que vou perguntar para o pessoal lá dentro.

Depois de menos de um minuto ela voltou trazendo a notícia que eu mais temia: Eu estava no lugar errado.

- Bárbara, o Mario é da Educadora. Você está na Educativa.

- Meu Deus. E onde fica essa Educadora?

- É lá no centro.

Pronto. Era só o que me faltava. Sair correndo para o centro atrasada, pegar um congestionamento e perder a entrevista. Não tive dúvidas. Peguei o telefone e liguei para meu entrevistado.

- Mario, me desculpe, fiz uma confusão. Estou na rádio Educativa, ao invés da Educadora. Mas já estou saindo daqui e te encontro aí em alguns minutos se você ainda puder.

Risos do outro lado da linha.

- Fica tranquila Bárbara. Também não cheguei ainda. Pode ir com calma que nos encontramos lá.

Por sorte eu estava de carro. Saí em disparada em direção ao centro da cidade. E depois de fazer o pior caminho (sim, não sou boa com direções) consegui chegar à rádio Educadora.

- Oi. Meu nome é Bárbara. Tenho uma entrevista marcada com o Mario Luis. Ele já chegou?

- Está atrás de você.

Virei-me e avistei o Mario entrando na rádio. Ufa, não atrasei tanto assim então.

- Oi Bárbara. Vamos para minha sala?

- Claro.

Entrei e dei de cara com uma bandeira do XV pendurada na parede.

- Nossa, você torce mesmo pro XV, hein? Tem até bandeira...

- Sempre conto que se tiver um Brasil e Argentina em final de Copa do Mundo no Maracanã, e um treino do XV no mesmo horário, eu prefiro assistir ao treino do XV. E não pense que isso é força de expressão, não. Isso é verdade. Para mim existem dois times de futebol no mundo: o XV e o resto. Porque Corinthians, São Paulo, Flamengo, Itapipoca é tudo a mesma coisa.

- Mas você é piracicabano?

- Não. Sou rio-clareense.

- E como você veio parar aqui?

- Vim para trabalhar. Estou aqui desde 1989. Já virei um caipiracicabano.

- Você não torcia para o Rio Claro?

- Até torcia, mas não era esse amor que eu tenho pelo XV.

- Como surgiu esse amor?

- Não sei bem como surgiu. Mas acho que é a história do XV que é muito forte. Muitos jogadores saíram daqui para ir para a Seleção, times grandes. Nos anos 70 mesmo, o XV era o quinto time grande do estado de São Paulo. Às vezes tem time considerado grande que não tem uma história bonita como o XV tem. Por conta da minha profissão eu conheço o Brasil inteiro. Eu só não conheço seis estados do nosso país: Amapá, Rondônia, Roraima, Amazonas,

Paraíba e Piauí. Todos os outros eu conheço graças ao futebol. E não importa para onde nós vamos: sempre que descemos no aeroporto o pessoal já pergunta de onde somos. Quando respondemos que somos de Piracicaba é inevitável a pergunta: “Piracicaba? Ah, e o XV?” O Brasil inteiro reverencia o XV.

- Até em outros estados?

- Tem uma história legal que ilustra isso. A gente estava fazendo um jogo do XV no Espírito Santo. No final do primeiro tempo, os jogadores foram para o vestiário e o alambrado lá era muito perto do campo. Um torcedor que estava ali perto começou a passar mal, e aí foi aquela correria. Quando ele melhorou, um repórter perguntou por que ele tinha passado mal. Aí ele respondeu que era emoção de ver o XV. Ele nunca tinha ido para Piracicaba, nem sabia onde ficava a cidade. Mas ele era quinzista e se emocionou. Então é um time que gera uma paixão incontrolável.

- E qual a importância de um time como o XV fazer 100 anos?

- É muito importante. A cidade está vibrando com isso. Você consegue perceber que a cidade está muito feliz. Pena que agora o XV poderia chegar a essa final da Copa Paulista, mas graças à roubalheira do árbitro que apitou o primeiro jogo não vamos conseguir.

O jogo ao que Mario Luis se refere é a primeira partida da semifinal da Copa Paulista entre XV e São Bernardo, realizado no Estádio Barão de Serra Negra, em Piracicaba. Houve muita reclamação por conta da torcida e até por conta da diretoria quinzista sobre esse jogo. Isso porque o árbitro que foi escalado para apitar, Welton Orlando Wohnrath, era de São Bernardo. Além disso, ele teve uma atuação duvidosa ao validar dois gols irregulares do São Bernardo e invalidar um gol legítimo do XV alegando falta no goleiro adversário. O placar de 2 a 0 acabou por tirar o XV da final do campeonato, já que o time conseguiu apenas um empate em São Bernardo. A equipe da grande São Paulo acabou por se sagrar campeã da competição e garantiu uma vaga na disputa da Copa do Brasil de 2014.

- Mas apesar dessa situação triste a cidade está muito satisfeita com o XV. O que sempre digo é que os times que vingam no futebol atualmente são os que criam jogador. Isso que torna o time grande. Criando jogador ele

aparece no mercado, ganha dinheiro, economiza o dinheiro e isso vai virando uma bola de neve. O problema é que, para criar jogador, tem que ter uma estrutura grande. Antigamente, um menino que fosse bom de bola, aliado a um bom técnico, se tornava jogador de futebol. Hoje, precisa de academia, treinos específicos, aparelhos especializados. É um aparato muito grande e são poucos os times que têm condições de bancar.

- Um time de interior tem força para fazer isso?

- Força tem. O que não tem é dinheiro. Desde que o Celso assumiu o XV ele fala que o sonho dele é deixar uma estrutura para preparar melhor os meninos. Mesmo que você abra mão de ter bons times no campeonato, o lucro vem depois, com o tempo.

Depois de conversarmos por um tempo, era hora de arrancar mais um caso do experiente radialista. Com voz de locutor ele começou a narrar algumas histórias.

- Uma vez fomos pra Caxias do Sul. Foi todo mundo junto. Fui eu com meu repórter, o Gerson com o repórter dele, e, da Alvorada, foi o Chico de Assis sozinho. Sem repórter. Sempre que viajamos temos que levar uma mala grande, cheia de aparelhagem e equipamentos de reserva. O Chico levou apenas uma bolsinha de alça com um pedaço de fio, fone, cueca e um par de meias. Pois bem, ele passou a viagem inteira tirando sarro da gente falando que levar muita coisa era só para fazer peso. Quando chegamos lá, fomos fazer o jogo e a linha telefônica da Alvorada não funcionou. A gente emprestou fio, microfone, mas não funcionava direito. E ele passou o jogo inteiro com um olho no jogo e o outro na linha que ele estava tentando arrumar. Ele narrava o jogo e mexia na linha, narrava o jogo e mexia na linha. Nisso, estava 2 a 0 para o Caxias. Mas, no fim do jogo, sobrou uma bola para o jogador do XV e ele fez o gol. Só que não teve comemoração porque ele pegou a bola e saiu correndo para tentar o empate. E o Chico nem viu o que aconteceu. Quando chegamos ao hotel, vi o jogador que marcou para o XV e falei: "Belo gol!" Na hora o Chico falou: "Você está de gozação comigo, né? Não teve gol nenhum do XV." Eu respondi que teve um gol no final do segundo tempo e ele não acreditava. Com todo mundo falando do gol ele acabou se convencendo. E na Alvorada eles tinham um slogan que falava que eles tinham 93% da audiência de Piracicaba.

Daí, a gente brincava: “Quando chegar em Pira vamos ver quem realmente tem 93% da audiência, porque para todo mundo o jogo terminou 2 a 1, e para quem ouviu na sua rádio foi 2 a 0. Então vamos ver quem realmente tem audiência na cidade.”

Causo acabado. Hora de entrar no ar. O Mario foi pro estúdio e eu voltei para casa. Pensando em como escrever todas essas histórias. Histórias escritas, hora de encerrar o capítulo. E para finalizar nada melhor do que terminar como comecei: “Chupa que a cana é doce”.

*

Há quem diga que essa famosa expressão foi o radialista Edvaldo Tiets quem inventou. Há quem diga que ele apenas popularizou. Mas a verdade é que essa frase já é ouvida há muito tempo, e é comumente relacionada ao futebol. É a interjeição de vitória. Utilizada quando a equipe adversária toma um gol, tem um jogador expulso, recebe uma penalidade, entre outros casos. Se não foi Edvaldo Tiets que a inventou, ele a utilizou com maestria, em todos esses casos que citei acima e ainda em outros. Ele também estava naquele evento da exposição do Rocha Netto e contou algumas histórias relacionadas à famosa expressão.

- Uma vez, o XV ia jogar contra o Palmeiras. Eu estava atrás do gol do Deola. Eu carreguei bem a bateria e gritei: “Chupaaa!!! Chupa, que a cana é doce, Deola.” Ele respondeu: “Chupa você!” E eu falei: “Ah, vamos nos entender aí quem chupa, né?” Aí, em 2009 fui fazer um jogo em Bauru, na Copa Paulista. Tava muita chuva, e não dava para enxergar nada. A cabine de imprensa do Noroeste é longe. O XV ganhou de 1 a 0. Quando saiu o gol eu aproveitei: “Chupaaa!!! Chupa que a cana é doce! Chupa você também repórter.” E acho que o repórter de lá não entendeu nada.

Para o radialista, o XV é o maior time do planeta. Ele garante que quem abandona família e amigos para cobrir os jogos da equipe tem lugar garantido no céu.

Não sei se eles têm lugar garantido. Mas são apaixonados pelo que fazem. O que já traz o céu para bem perto da terra. Apaixonados pela rádio, e pelo XV. E quando gritam nas transmissões esportivas “Chupa que a cana é

doce”, não gritam apenas como os ouvintes gostariam de fazer. Eles gritam por eles mesmos. Como um torcedor narrador, que tem um microfone todinho só para ele. Eles têm o poder da comunicação. Eles têm o poder que muitos torcedores gostariam de ter: o de gritar “Chupa que a cana é doce” e ser ouvido na torcida adversária, na comissão técnica adversária, e até mesmo no time adversário.

Já que tá que fique

Asara de barata / Nhéque de portera/ Já que ta que fique/ Gooorrrrrr/
XV! Cra cra cra/ XV! Cra cra cra.

O nome deste capítulo faz parte de uma estrofe do famoso hino popular do XV de Piracicaba. O surgimento dessa letra, conhecida por vários torcedores de futebol em todo o Brasil, tem várias versões. Uma delas conta que alguns jovens que vinham estudar na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiróz, a ESALQ, em Piracicaba, cantavam os versos para brincar com o sotaque local. Mas segundo o historiador Cecílio Elias Netto, a versão correta é a que conta que o hino surgiu a partir da grande rivalidade entre campineiros e piracicabanos.

- Por volta do ano de 1956, houve em Piracicaba os jogos do interior. Desde essa época já havia uma rivalidade muito grande entre Campinas e Piracicaba. Na ocasião, os campineiros começaram a inventar versos pra zombar da gente, do nosso sotaque. A torcida de piracicaba acabou assimilando esses versos e, ao invés de tomar como ofensa, passou a utilizar em seu favor, do mesmo modo que o Palmeiras fez com o porco, que acabou virando símbolo do clube. Há alguns anos, o pessoal mais jovem começou a acrescentar versos, e esse hino acabou ficando mais famoso que o oficial.

Por falar em torcidas e rivalidades, pego esse verso emprestado para tratar das torcidas organizadas do XV de Piracicaba, que atualmente são responsáveis por encher as arquibancadas e dar ritmo ao jogo com suas caixas e surdos.

Era um domingo ensolarado. Dia de final de campeonato. Não era bem assim uma final porque o XV não se classificou para a segunda fase do Campeonato Paulista da série A1 de 2013, mas iria jogar seu último jogo da primeira fase em casa. Se ganhasse, tinha chances de disputar o Torneio do Interior, dependendo ainda dos resultados de Botafogo, Mogi Mirim, Penapolense e Ponte Preta nas quartas de final. O estádio estava lotado e fui para lá para começar a fazer meus primeiros contatos com a torcida para o livro.

- Com quem posso falar sobre a Esquadrão para um livro que estou escrevendo? - perguntei para um grupo de meninas que estavam com vestimentas da torcida organizada.

- Ah, tem que ser com o Gema, mas ele não chegou ainda. Fica por aí que quando ele chegar te apresento pra ele, respondeu uma delas.

Em Piracicaba é assim. Você chega para conversar com uma pessoa, e logo te apresentam para o grupo inteiro. E, como prometido, assim que o Gema chegou, fui apresentada a ele.

- Estou fazendo um livro sobre o XV, e queria falar com alguém da Esquadrão. Será que você tem um tempo para gente conversar.

- Tenho sim. A gente se fala no intervalo, e se quiser é só aparecer lá na sede que a gente conversa mais.

E foi exatamente assim. Conversamos no intervalo, mas em dia de jogo do Campeonato Paulista o presidente da maior torcida organizada do XV fica muito ocupado, e marcamos para terminar a conversa na sede da Esquadrão.

A Torcida Uniformizada Esquadrão Alvinegro surgiu em 2002, a partir de uma conversa entre alguns integrantes de outra torcida organizada do XV, a Super Raça. Felipe Jorge Dario, conhecido como Gema, um dos fundadores da torcida e atual presidente, conta que o grupo era mais novo e queria ter uma participação mais efetiva na arquibancada, cantando gritando e batucando o jogo inteiro, para ajudar e incentivar o time.

- A gente realmente decidiu montar a torcida em uma viagem que fizemos para ver um jogo em Taquaritinga. O XV estava para subir para a série A2, mas faltando 1 segundo pra acabar o jogo tomou um gol e não subiu. Depois disso resolvemos criar uma torcida que agitasse mais na arquibancada.

- E como é o trabalho de uma torcida organizada?

- Nossa, dá trabalho viu? Tem gente que pensa que é só chegar e gritar na arquibancada, mas dos meus 16 até meus 21 anos eu ocupava meus sete dias da semana com a torcida. A primeira coisa a se fazer é arrecadar gente. Depois tem que correr atrás de dinheiro, vender rifa, camiseta da torcida. Eu comecei a trabalhar com arte por causa disso, era eu quem desenhava, criava os logos, as estampas, fui aprendendo tudo na marra e agora trabalho com isso.

- Quando se fala em torcida organizada, muita gente já pensa em briga, confusão. O que você pensa disso?

- Isso tem, mas tem que acabar. Tem dia que passo o dia inteiro no telefone, pra ver quem será o comandante da polícia, e combinar uma proteção pra gente, principalmente se o jogo é mais complicado, porque a gente gosta de levar família.

“Tem, mas tem que acabar”. Esta afirmação é praticamente unânime entre os integrantes de torcidas organizadas. O que me leva a pensar é que, se tem que acabar, quem deve dar o primeiro passo? Pelo jeito a política do “não bato, mas me defendo” vai perpetuar muitas brigas ainda desse segmento.

- Tem famílias na torcida?

- Opa, a torcida inclusive já formou muito casal, família. Pra você ter uma noção tem o Thales, que o pai dele deixou ele sócio da Esquadrão com 3 meses de vida, e temos associados de mais de 70 anos, que não podem estar com a gente no dia a dia mas viajam com a gente, compram camisa. Falam tanto de violência, claro que os meninos gostam de briga, por isso que tenho vontade de ter uma sede maior, fazer campeonato para eles, dar aula de artes marciais, porque tira da rua e ensina que não é assim.

Essa sim é uma iniciativa. Vamos torcer para que esse professor de artes marciais ensine que luta é só no tatame. Arquibancada não é lugar para finalização ou nocaute. Afinal, essas expressões fazem parte de outro esporte .

- E como é o dia a dia da torcida agora?

- Agora com a sede é mais fácil.

- Desde quando vocês têm a sede?

- Aqui a sede está com dois anos. Até o nono ano da torcida a gente fazia tudo na minha casa. A galera ia pra lá depois do jogo, tomava banho, guardava os instrumentos, bandeiras e minha mãe fazia comida pra todo mundo.

Apesar de a torcida ter uma sede, Gema sonha mesmo com uma quadra. Atualmente, a Esquadrão desfila como Bloco Carnavalesco, mas não tem estrutura para virar escola de samba.

- Com a escola de samba vêm outras responsabilidades, não podemos dar o passo maior que a perna, a gente não recebe ajuda de ninguém, são dez

reais de cada sócio que mantêm o aluguel. Além disso, escola de samba tem que ensaiar, e se batucar aqui, coitada da vizinha. (risos)

Enquanto a escola de samba é apenas um sonho, existem alguns outros que já passaram de sonho a realidade. Desde que a torcida foi fundada, desejava-se que em todos os jogos do XV, dentro e fora de casa, houvesse pelo menos uma pessoa da Esquadrão apoiando o time. E o Gema garante que faz quatro anos que eles estão conseguindo cumprir essa meta.

- Qual foi a maior quantidade de pessoas que vocês já levaram nas caravanas?

- O máximo foi 21 ônibus lotados no Paulista contra o Osasco, e o XV ainda perdeu e não subiu.

Quando perguntei, se tinha alguma história sobre as viagens para contar ele deu risada e disse que eram muitas. Pedi para que ele selecionasse a que mais marcou, e ele selecionou essa aqui:

- Em 2011, quando subimos da série A2 pra A1, o XV foi jogar em Monte Azul. Até a torcida deles se encantou com a gente, porque não paramos de cantar do primeiro ao último minuto de jogo. Acabou o jogo, o XV ganhou, garantimos o acesso e a euforia também. Estávamos com dois ônibus lotados de torcedores e quando estávamos voltando pra Piracicaba pra comemorar, o de trás me ligou e falou: “Gema, volta que saiu a roda do ônibus.” Demos meia volta vimos o ônibus parado e todo mundo na pista. Daí, perguntei pro motorista: “E agora?” Ele respondeu que a gente tinha que achar o parafuso. Agora você imagina só ter que achar um parafuso no meio da estrada! Procuramos, procuramos e nada. Daí, o motorista me perguntou se eu achava ruim colocar todo mundo num ônibus só. Respondi: “O ônibus é seu! E seguimos viagem com cento e vinte pessoas em um ônibus.

- Quanto tempo demorou para chegar?

- Nossa, não chegava nunca! Era volta de feriado. Chegamos na serra de São Carlos tava tudo parado. Quando finalmente chegamos em Piracicaba, na entrada perto do zoológico, como a gente não aguentava mais ficar no calor dentro do ônibus, juntando com a vontade de comemorar, subimos no teto. Tinha tanta gente, que teve gente que ficou na janela, e quem não conseguiu espaço teve que ficar no corredor mesmo. Nisso, vimos a polícia chegando,

olhei pra um moleque e falei: “Podem multar, xingar, depois a gente paga.” Mas aos poucos vimos um monte de formiguinhas, e percebemos que era a cidade esperando a torcida e o time chegar. Até arrepiava de falar, porque era muita gente, e como estamos acostumados a jogar o barulho pra dentro de campo são poucas as oportunidades que temos de ouvir esse barulho, e foi muito bom ter essa experiência de vibração da torcida.

- E a polícia?

- A polícia tava abrindo caminho e comemorando com a gente. Ninguém tomou multa nenhuma. (risos)

Ê, polícia boa. Cento e vinte pessoas dentro de um ônibus. Muitos com a cabeça para fora e outros em cima do teto. E a polícia estava abrindo caminho para a comemoração. Ê, o futebol mexe mesmo com a cabeça do brasileiro.

Os olhos do Presidente brilham quando ele fala da torcida e do XV. Ele nem consegue se lembrar do primeiro jogo a que assistiu no estádio porque tinha apenas quatro anos quando o seu pai o levou para o campo pela primeira vez.

- Meu pai falava que eu ia no campo pra fazer piquenique. Só queria ficar tomando sorvete, refrigerante...

- E depois não parou mais de ir aos jogos, né?

- Pois é. Não me formei até hoje porque a matéria que estou de dependência é de quarta à noite. Daí não dá, né? Quarta à noite tem jogo, eu falto da aula mas não perco os jogos.

- Que curso você faz?

- Biocombustíveis na FATEC. Só falta essa matéria pra formar. Já abri mão de muita coisa pelo XV. Quando eu sonho, nunca penso em coisas pra mim, como: quero estudar nessa escola, ou trabalhar naquela empresa. Eu sonho com uma quadra, uma sede, projetos para a torcida. É estranho pensar nisso, mas sempre foi assim.

Além de realizar coisas pela torcida, torcedores organizados e fanáticos também se preocupam em ajudar o time. Gema garante que já vendeu muita feijoada para pagar o mês de salário de alguns jogadores.

- A reforma do campo Barão mesmo, foi uma conquista nossa. A idéia surgiu quando vimos uma campanha do ABC de Natal, que reformou o estádio

arrecadando saco de cimento com torcedor. Daí, falei sobre essa campanha com o presidente da época, o Beltrame, e ele aprovou. Mas como o Estádio é municipal, acaba entrando no meio político. Quando a campanha já estava encaminhada e tava dando repercussão, a prefeitura assumiu a obra, cimentou, pintou e fez uma série de melhorias, mas o pontapé inicial foi nosso.

- E com as outras torcidas, vocês têm uma boa relação?

- Sim, temos. A Super Raça é praticamente nossa irmã. Para tudo o que a gente faz, peço ajuda pra eles. No começo teve um pouco de atrito porque todo mundo era da Super Raça, sair e montar outra torcida parece que tá rachando o grupo. Mas coincidiu que o Matheus e o Ivan, que sempre tocaram a Super Raça, focavam a parte interna do time, e o meu foco sempre foi a arquibancada. Hoje eles estão lá dentro e muita coisa mudou com a ajuda deles, confio muito neles. Aliás, você deveria ir falar com o Matheus.

*

Mas antes de falar com o Matheus faremos uma pausa. Isso porque algum tempo depois da entrevista, e de o capítulo estar até escrito vi uma notícia no Facebook que chamou a minha atenção. O presidente Gema convocava os torcedores para se reunirem na sede da Esquadrão antes da meia noite do centenário para se despedir da sede. Depois do recado dado o que se seguiu foi uma série de comentários revoltosos e de solidariedade. No dia 15 de novembro nos encontramos na festa do centenário e aproveitei para perguntar.

- Gema, vocês fecharam a sede?

- Infelizmente, sim. Aconteceram uma série de problemas e tivemos que fechar.

Eu sabia que ali não era a hora nem o lugar de conversar com ele sobre isso. Então combinamos que ele me enviaria um e-mail explicando o ocorrido. Uma semana depois abri minha caixa de e-mail e lá estava o seguinte depoimento:

Infelizmente as vésperas de comemorar o centenário do XV, tivemos que fechar a sede por alguns motivos simples: primeiro o espaço físico da sede era limitado para botarmos em prática nossos projetos, como oficina de percussão tanto pelo espaço como pelo barulho aos vizinhos. O imóvel era muito antigo e estava em situação precária para se manter em funcionamento e com pouca verba reformar o imóvel alugado não compensava para nós.

A parte financeira pesou bastante também, por ser uma casa deficitária ficava difícil propor algo de novo aos colaboradores da torcida, muitos se afastaram ficando praticamente impossível arcar com todas as despesas que ela gerava, já que, não recebemos ajuda de ninguém é tudo arcado com a contribuição dos sócios.

Agora estamos focados em elaborar um projeto mais sério, junto a demais órgãos da cidade pra que possamos pôr em prática nossos projetos sociais, quem sabe futuramente virar uma escola de samba na cidade também.

Abração

Pois é. Apesar da Esquadrão ser a principal torcida organizada do XV, o clube ainda não pode ser considerada uma grande equipe. Reúne torcedores apaixonados, mas não consegue movimentar o dinheiro que torcidas organizadas da capital movimentam. Qualquer negócio, quando gera mais despesas do que lucro, está na hora de fechar. Acho que foi mais ou menos assim com a sede da Esquadrão. Para quem fazia planos de um dia ter uma quadra como sede, não ter nem uma casa torna o sonho ainda mais distante. Mas Gema coloca o XV em primeiro lugar. Já abandonou até aula de faculdade por causa do time do coração. E pelo que ele escreve no e-mail não desistiu: “quem sabe futuramente virar uma escola de samba na cidade também”. O sonho não acabou. Explicações sobre a sede dadas, hora de retomar o fio da meada.

*

O Gema me disse que eu deveria falar com o Matheus. Sim, eu deveria. A ideia inicial sempre foi falar com as principais torcidas organizadas do XV. Falo as principais, porque apesar de ser um time de interior, o XV tem mais de seis torcidas organizadas, mas selecionei as três mais conhecidas e ativas para colocar neste livro. Então, peguei o telefone do Matheus com o Gema e lá fui eu falar com o presidente da Super Raça.

Matheus Bonassi tem 33 anos e já ocupou vários cargos no XV de Piracicaba. Primeiro foi conselheiro, depois virou diretor, e agora é funcionário do XV, como coordenador de novos projetos. Fui encontrá-lo no Estádio Barão de Serra Negra, seu local de trabalho. Logo que cheguei, ele já começou a fazer perguntas.

- Da onde você é?

- Sou daqui de Pira mesmo, mas moro em Bauru para estudar.

- E o que você estuda?

- Jornalismo.

- Que ano você está?

- No último.

- E está fazendo um livro sobre o XV?

- Sim.

- Por quê?

- É pro meu Trabalho de Conclusão de curso. Posso fazer as perguntas agora? (risos)

- Pode sim.

- Você leva jeito para jornalista.

- Não, eu só gosto do XV mesmo.

Depois de quebrar o gelo ele me contou que desde os três anos já ia ao Barão assistir a jogos com os tios, que eram fanáticos pelo clube. Desde 1994 ele assiste a todos os jogos do XV, mas foi em 1997 que fundou a Super Raça junto com Ivan Oriani, seu amigo desde a infância.

- Como surgiu a Super Raça?

- Em 1995, o XV estava na primeira divisão e foi rebaixado. Nessa época já existiam varias torcidas organizadas: a Fanáticos pelo XV, a Torcida Jovem e a XV Chifre. Mas, com o rebaixamento, elas se afastaram um pouco. Eu era da Torcida Jovem e o Ivan era da XV Chifre. Como a gente era amigo e as torcidas estavam afastadas, começamos a nos reunir pra ver os jogos no Barão, mas foi só em 1997 que realmente fundamos a Super Raça.

- Por que o nome Super Raça?

- É uma homenagem a uma grande torcida que o XV teve no fim da década de 70 e começo da década de 80, a Raça Quinzista. E pra

homenagear, mas não repetir o nome, fundamos a Super Raça. A Raça Quinzista era do Mauricio Melo, que mora nos Estados Unidos hoje. Ele pegava bandeira, faixa, ônibus de linha e ia assistir o XV em todos os lugares, até que o Rípoli, presidente do XV na época, chamou ele e falou que a partir daquele dia, ele ia viajar junto com a delegação. Hoje ele mora nos Estados Unidos, e sempre leva uma faixa do XV quando tem jogo da seleção brasileira lá. Se você ver bandeira do XV nos Estados Unidos, é o Maurício.

O Matheus me pareceu uma pessoa muito tranquila, respondia tudo pausadamente e com sorriso no rosto. Não é exatamente o perfil que esperamos de membros de torcida organizada, então perguntei o que ele achava das brigas e violência que acontecem nesse meio.

- O papel do torcedor é apoiar e motivar o clube. É um papel muito importante, mas esse lado de violência não pode existir. Existem rivalidades históricas, e elas têm que acabar. A Copa do Mundo mesmo traz uma nova proposta de não dividir torcidas, acho que vamos demorar um pouco pra nos acostumarmos com isso, mas uma hora vamos aprender. A Inglaterra, por exemplo, era um dos países mais violentos nesse sentido e hoje fica todo mundo junto. Eu particularmente acho que falta punição. Se, ao cometer um crime no estádio, o culpado pagasse por seus erros, a violência ia diminuir. A gente mesmo fundou a Super Raça quando as torcidas organizadas estavam banidas dos estádios.

- Como assim?

- Em 1995 teve uma briga no Pacaembu entre torcedores do Palmeiras e do São Paulo, um torcedor são-paulino morreu, e todas as torcidas ficaram proibidas de entrar nos estádios.

O episódio a que ele se refere aconteceu na decisão da Supercopa de Juniores, em 1995 no Pacaembu. Em comemoração à vitória por 1 a 0, palmeirenses invadiram a área da torcida tricolor, o que deu início a um confronto de homens armados com paus e pedras retirados de entulhos do estádio. Márcio Gasparin da Silva, de 16 anos, faleceu, e 102 pessoas ficaram feridas. Após o episódio as torcidas organizadas ficaram proibidas de entrar nos estádios de futebol. As sedes foram lacradas, os bens foram sequestrados e todos os registros foram cancelados. Isso se manteve por oito anos.

- Se estava proibido como vocês faziam?

- Criamos uma faixa sem o nome da torcida, com apenas o lema: “XV: amor e tradição.” Esse é o lema da Super Raça. Essa foi uma artimanha que todas as torcidas fizeram pra mostrar que estavam ali. Depois de um tempo fomos a primeira torcida do Estado de São Paulo a conseguir entrar com instrumentos no estádio na serie B do brasileiro.

- Como vocês conseguiram?

- Fizemos um acordo com a polícia daqui. Mostramos que a gente só queria fazer festa, e não brigar. Todo começo de campeonato tinha uma reunião no quartel pra definir o que podia e o que não podia. Nossa relação com a polícia sempre foi excelente. Tudo o que eles determinavam a gente cumpria. Conseguimos a liberação de algumas coisas como: papel picado, bexiga, pano de bandeira e fomos fazendo a nossa festa.

Não sei bem como Matheus Bonassi era com seus 15 anos de idade. Quando não falava de forma tão pausada e não carregava as responsabilidades de um pai. Sim, ele já tem um filho. Mas realmente fica difícil imaginar esse homem com pose de brigão, como os torcedores organizados são conhecidos. E achei engraçado que tudo que eles queriam eram levar bexigas e papel picado para os estádios.

- E quantos integrantes têm a Super Raça?

- Nós nunca tivemos um quadro associativo, mas chegamos a ter quinhentas, seiscentas pessoas reunidas em jogos na arquibancada. Agora os que continuam mesmo é umas cinquenta pessoas. Atualmente a Esquadrão é bem maior.

- E vocês se dão bem com as outras torcidas?

- Sim. Acredito que a maior conquista da Super Raça foram as torcidas que vieram depois, como a Esquadrão e a ARXV, porque eram pessoas da Super Raça que saíram pra montar outras. Quando o Gema resolveu montar a Esquadrão, veio conversar comigo e eu apoiei. Antigamente só tinha a faixa da Super Raça no estádio, hoje é bonito de ver, não tem mais lugar pra colocar faixa. Saber que a Esquadrão é um fruto da Super Raça me enche de satisfação.

- E você também viaja para ver o XV?

- Sim. Fomos nós que começamos com essas caravanas lá atrás. O Gema só continuou e aumentou o número dos ônibus.

Quando perguntei sobre histórias com o XV, novamente recebi a resposta de que história é o que não falta. O Matheus garante que em 2007, quando a torcida fez 10 anos, eles fizeram um cálculo de que o que já rodaram atrás do XV dava para dar uma volta e meia no globo terrestre.

- E a família? Sempre apoiou as loucuras pelo XV? As viagens?

- Sim. Minha mãe sempre apoiou. Lógico que ela falava: “Vai de novo... É longe...” Mas sempre apoiava. A sede da Super Raça era na casa da minha mãe, coitada, guardava instrumento, bandeira, reunia lá.

- Hoje você é casado, né?

- Sim. A minha esposa sempre soube dessa paixão também. Ela concorda, me acompanha nos jogos. Até meu filho que tem dois anos já fala que torce pro XV, canta o hino e tudo, e isso pra mim é uma conquista enorme.

Essa questão da idade dos torcedores organizados do XV é um ponto a se levantar em Piracicaba. Afinal a única torcida de jovens e adolescentes é a Esquadrão. A Esquadrão, sim, é formada em sua maioria por pessoas de 12 a 30 anos. Mas a Super Raça e a ARXV, que será conhecida a seguir são compostas em sua maioria por torcedores mais velhos, de 35 a 60 anos. Talvez seja por isso que a política do “Não à violência” seja ainda mais forte em Piracicaba. Pessoas mais maduras, vividas, pais e mães de família pensam duas vezes antes de se meter em alguma confusão.

Encerramos a entrevista por ali e fui atrás da terceira e última torcida organizada que entraria para o livro. O presidente da vez era Antônio Carlos Souza Leite, o Carlinhos, da ARXV.

Liguei para ele várias vezes, mas estava sempre ocupado. Parecia disposto a ajudar, mas nossos horários nunca batiam.

- Sabe o que é. Estou com um filhinho recém nascido, tenho que ajudar em casa.

E minha teoria vai confirmando: outro pai de família.

Até que um dia ele falou:

- Viu Bárbara, vai ter jogo do XV essa quarta-feira no Barão. Você pode me encontrar lá?

Claro que eu posso. Encontrar em jogo é sempre bom. Eles se sentem em casa e eu também. A conversa flui e de quebra ainda consigo vê-los na ativa, fazendo o que mais gostam na vida: torcer.

Marcamos o encontro no bar em frente ao estádio, e para a minha surpresa o local estava lotado. Parecia um tipo de concentração antes do jogo, com muita cerveja, conversa e risadas.

Logo que cheguei dei de cara com a Lili. A torcedora símbolo do XV que apresentei no capítulo passado. Lembra dela? Enfim, ela lembrava de mim. Me cumprimentou, me apresentou como jornalista para todos os amigos e me mandou sentar.

- Estou procurando o Carlinhos da ARXV.

- Ele não chegou ainda. Senta aí que quando ele chegar te mostro quem é.

E foi exatamente isso que ela fez. Ela não só me mostrou quem era como foi buscar ele fora do bar, o pegou pelo braço e o levou até mim.

- Carlinhos, essa é a Bárbara.

- Oi Bárbara. Vou chamar meu amigo e já vamos conversar tá?

Fiz que sim com a cabeça e o segui para fora do bar, onde havia menos barulho. Confesso que novamente não era o tipo de pessoa que eu estava esperando. Fiquei pensando porque um homem feito de 42 anos ainda liderava uma torcida organizada.

- Não vá reparar que hoje é dia fraco, não tem público. Essa copinha não atrai muita gente.

Ele estava falando da Copa Paulista. Era a décima sexta rodada do campeonato e o XV ia pegar o Audax. Mas apesar de garantir uma vaga na Copa do Brasil ao primeiro colocado, a Copa Paulista não atrai o mesmo público que o Campeonato Paulista, principalmente em uma quarta à noite fria como aquela.

- Esse bar é nossa sede. É aqui que a gente se reúne. O dono do bar tem a nossa camisa e tudo, mas como ele tem um bar, tem que agradar a todas as torcidas, né?

- É, percebi que todo mundo é bem amigo aqui.

Falando em amigo ele trouxe outro amigo para a conversa. Valmir José Rodriguez, tem 42 anos e também é integrante da Torcida ARXV. Ele foi logo falando:

- A nossa torcida não é uma torcida de jovens, é uma torcida de jovens de uns 40 anos. Se você olhar não tem molecada. Nós prezamos pelo social. A maioria de nossos eventos tem um fundo social. Isso é importante pra mostrar que o esporte aglutina pessoas, e não divide. O futebol é como um teatro, um espetáculo. Podem vir famílias, crianças, não pode ser mais um evento que as pessoas têm medo de frequentar por causa da violência.

O esporte deve aglutinar pessoas, mas a torcida não tem molecada. Então deve aglutinar apenas senhores de meia idade? Percebi que ele falava em um tom mais ofensivo quando citava jovens torcedores. Além disso, eles não se misturam muito com a Esquadrão, que tem maior número de jovens. Isso já foi citado no primeiro capítulo do livro, quando contei sobre a festa do centenário. A bateria da ARXV só começou a tocar quando a bateria da Esquadrão parou. E vice-versa.

- E o que vocês pensam dessas brigas frequentes que ocorrem entre torcidas organizadas?

Valmir: Na minha opinião, não são torcedores. Os torcedores são apaixonados pelo futebol, pelo time. Quando vai ao estádio existe aquela rivalidade, troca de ofensas, mas tem que parar por aí. Quando acontece a violência fora do estádio, pra mim não são torcedores, são jovens oprimidos que se transvestem de vândalos. Também existem outros problemas sociais como álcool, drogas...

Logo que nos encontramos, Carlinhos já me deu uma folha de papel com várias informações sobre a ARXV. No papel está escrito que o nome inteiro da torcida é: Associação Esportiva Cultural Amor Real ao XV de Novembro de Piracicaba.

- Por que ARXV?

Carlinhos: É pra representar o verdadeiro amor que sentimos pelo XV. Amor Real ao XV. Daí ficou ARXV.

- E como surgiu a torcida?

Carlinhos: Depois de um jogo do XV contra o Monte Azul em 2005, pela 3ª divisão, nos reunimos na frente desse mesmo bar e resolvemos montar a torcida. Todos os integrantes têm algum vínculo com o XV, algum parente que já jogou ou é diretor, então temos esse laço.

- Por que o símbolo é uma coroa?

Valmir: É o símbolo da soberania.

- Quantos integrantes têm a torcida?

Carlinhos: A gente nunca se preocupou com a quantidade, mas sim com a qualidade. Não adianta ter 500 torcedores se eles não fizerem jus ao XV. Em média, em jogos grandes dá umas 300 pessoas. Mas temos muitas camisetas da torcida espalhadas por aí. Temos entre 15 ou 16 mil camisetas pelo interior. Nós levamos isso a sério.

Essas camisetas devem realmente estar bem espalhadas, porque no dia em que fui ao jogo contei no máximo 15 pessoas reunidas do lado da ARXV (que fica do lado oposto à Esquadrão na geral). Tudo bem que era uma noite fria e de um jogo que não valia muita coisa pela copinha, mas não consegui imaginar essa reunião de 300 pessoas que foi mencionada.

Outra coisa que eles levam a sério é o camisão da ARXV. Eles têm muito orgulho de falar que, sempre que aparece na TV o camisão zebrado que cobre a torcida, é graças a ARXV; eles acreditam que as faixas, o camisão e o fundo social de uma torcida é muito importante para o time e para a cidade como um todo.

- Vocês são piracicabanos? Já torciam pro XV antes da ARXV?

Carlinhos responde rápido: Sim. Sou piracicabano.

Valmir completa: Sim. Somos caipira da gema. Eu tenho uma história muito legal. Até me entristece dizer, porque meu pai está hospitalizado, mas desde pequeno era ele quem me trazia ao estádio. Eu gostava de vir pra comer o sanduíche de mortadela que um senhor vendia aí; eu nem me importava muito com o jogo, mas acabei tomando gosto. (mais um torcedor que o XV conquistou pela barriga). Daí chega aquela fase da adolescência, comecei a vir com os amigos e chegou a fase da malandragem.

- Como assim?

- Quando eu era adolescente não tinha dinheiro para entrar no estádio e o que a gente fazia? Pulava o muro. Eu só parei de pular o muro porque sempre fui meio gordinho, daí quando eu fui pular cai em cima de um guarda. Ele falou: “Você vai voltar pelo mesmo lugar que você veio.” Eu respondi: “Mas eu não consigo.” Tomei umas borrachadas e voltei não sei como (risos). Mas era uma malandragem saudável, se é que dá pra dizer isso, mas era sem malícia. Daí, tomei gosto, comecei a trabalhar, passou aquela fase de adolescência e virou paixão, vício. Hoje, por exemplo, eu não vou assistir ao jogo, porque trabalhei a madrugada toda e preciso descansar, mas mesmo assim eu vim pra esse momento de encontro.

- Você não vai entrar?

- Talvez eu entre um pouco. Mas é só pra te mostrar o charme disso tudo. O esporte é uma das poucas coisas que transmite ao jovem uma oportunidade que não é utopia. Ele pode realizar sonhos independentemente de sua condição social. É você ter o dom e treinar esse dom. É 99% de transpiração e apenas 1% de inspiração, então é isso que me motiva vir. E tem essa harmonia com as torcidas também, era muito comum as torcidas adversárias virem tomar cerveja com a gente.

- Eu ouvi falar que tem até campeonato de torcidas né?

É a vez de Carlinhos responder: Sim. A ARXV tem o orgulho de ser bicampeão desse campeonato. Isso mostra pra Piracicaba e região que aqui não tem briga, somos unidos, tem esse campeonato que nos une mais ainda.

Esse campeonato me parece realmente uma boa ideia. Ajuda na integração e na amizade do pessoal. Mas como já mencionei, não vi muito dessa união, não. Espaço separado na geral, instrumentos e ritmos separados. Eles parecem se respeitar e se entender. Mas que fique cada um na sua.

Com o avanço da hora, a movimentação começou a aumentar. Chegou a galera da bateria, e todos começaram a levantar, pagar a conta no bar e se preparar para entrar em campo.

Eu também entrei e fiquei um tempo com eles na geral. Como o Carlinhos já tinha alertado, estava bem fraco de público, mas nem por isso eles deixaram de agitar. E apesar de ser uma torcida de jovens de 40 anos como disse o Valmir, encontrei um aprendiz da bateria com apenas 14 anos entre

eles. Um pouco envergonhado, começou a me mostrar que já sabia tocar um pouco de surdo, o instrumento que marca a base na percussão. Rômulo Leite já vem aos jogos do XV desde criança com o Pai, Robson de Souza, que faz parte da ARXV e toca na bateria.

Naquele dia por volta de oitocentos torcedores viram o XV empatar em 1 a 1 com o Audax em mais uma rodada da Copa Paulista. Era um dia frio e um jogo sem importância, mas as torcidas organizadas estavam lá. Organizadas para se reunir, batucar e apoiar seu time. Porque deixando brigas e desentendimentos de lado o torcedor organizado se sente responsável por motivar o time. É paixão sem limites. Paixão que faz abandonar faculdade, esposa e filhos em uma quarta-feira fria de um jogo sem muita importância. E a verdade é que não dá para imaginar um jogo sem eles. Sem a batida do surdo ou o camisão que sobe na hora do gol. Com bexigas, camisas ou bandeiras eles pintam a arquibancada de preto e branco e não param de gritar.

E já que começamos falando do hino popular do XV ele termina assim:
Carcanhar de bode/ Toceira de grama/ Já que ta que fique/ Gooorrrrrr/ XV! Cra
cra cra/ XV! Cra cra cra.

O XV na Terra do Arco, Tarco e Verva

O título deste capítulo é mais uma referência ao falar piracicabano. Desde criança escuto essa expressão e me lembro de que não conseguia entender qual o seu significado. Então, um belo dia, perguntei para minha mãe:

- O que é arco, tarco e verva?

- É que as pessoas têm costume de falar que, em Piracicaba, quando se vai ao barbeiro ele pergunta: Vai querer arco, tarco e verva?

- Mas o que é isso?

- Arco significa álcool, tarco é talco e verva é velva mesmo.

Os dois primeiros eu entendi. Mas quanto à velva, fiquei na mesma. Depois fui descobrir que velva é um líquido refrescante, que se usava como loção pós-barba. Estranhamente essa história nunca saiu da minha cabeça. Nunca fui a um barbeiro, portanto nunca comprovei o “causo”. Mas o fato é que se trata de mais uma expressão do dialeto caipira, que identifica a cidade de Piracicaba. E como já foi dito, o XV é um time caipiracicabano. Mas o que isso muda para o XV? O XV sofre alguma influência da cidade? E a cidade? É influenciada pelo clube que abriga?

Para responder a essas questões fiz a única entrevista por telefone deste livro. O jornalista Celso Unzelte é referência na área de pesquisas sobre futebol. Acostumado a entrevistar, dessa vez ele teve que responder às minhas perguntas.

- Qual a importância dos clubes de futebol para a cidade em que se encontram?

- É uma questão de identificação. Muitos clubes trazem o nome da cidade em seu nome até por questão de sobrevivência. O XV, sem nunca chamar Piracicaba, consegue essa identificação que muitos não conseguiram nem forçadamente. O XV já virou sinônimo da cidade. Quando pensa em Piracicaba se lembra do rio, dos peixes e do XV.

- E como um clube pode afetar a política local?

- É uma via de mão dupla: ao mesmo tempo em que o clube é uma vitrine para candidatos, acredito que em muitos momentos de dificuldades do XV, o governo interfere. Eu acho uma mistura perigosa, acho que não

precisaria ser assim, mas principalmente no interior isso acontece muito. O próprio estádio Barão de Serra Negra é da prefeitura, e não do XV. Isso é ruim, porque o clube vai ficando refém.

Quando ele falou sobre essa interferência que se faz necessária nos momentos de dificuldade dos clubes me lembrei de outra entrevista. O radialista Mario Luis havia defendido essa interferência da prefeitura no clube como um ponto positivo. Ele garantiu que se hoje o XV está no patamar em que está, muito se deve ao que o ex-prefeito Barjas Negri fez.

- Ele usou o poder político que tinha a fim de pedir aos empresários da cidade ajuda financeira para o XV. Se não fosse essa força, a dívida que o XV tem hoje estaria muito pior. Ia atrasar até salário de jogador, o que você sabe que destrói qualquer trabalho.

Por amor ao XV ou por politicagem, a verdade é que se preocupar com o time da cidade, quando este é paixão comum da população, traz voto. O historiador João Luís Almeida afirma que a política local e a política quinzista sempre estiveram ligadas.

- Se você considerar a história do XV e dos prefeitos, vereadores e até deputados de Piracicaba vai perceber que muita gente saiu do XV. O XV teve até mesmo jogadores que depois se tornaram vereadores, prefeitos. O próprio Romeu Italo Rípoli, presidente mais conhecido do XV, foi presidente da câmara de vereadores de Piracicaba. Então o XV sempre teve uma influência muito grande na política. O XV servia de trampolim.

- Isso pode ser visto ainda hoje?

- Sim. Se buscar na história recente tem o Adilson Maluf, que foi prefeito de Piracicaba e presidente do XV. O nosso ex-prefeito Barjas Negri tem participação na diretoria do XV. Então dá pra ver que o XV ainda tem uma parte política forte.

Como diz Celso Unzelte, essa é uma ligação perigosa, mas muito comum. Afinal é mais fácil enxergar a boa campanha do seu time do que o novo hospital inaugurado na periferia, o novo atacante contratado do que as novas aquisições da biblioteca municipal. A visibilidade proporcionada pelos clubes de futebol ganha rapidamente os votos dos eleitores de arquibancada, que misturam a euforia de uma decisão com a seriedade de uma eleição. Mas

a aproximação do palanque às quatro linhas não acontece só em times de interior. Temos, como exemplo, ex-jogadores que trocaram a amarelinha por terno e gravata. É o caso do Romário, eleito Deputado Federal pelo Rio de Janeiro, em 2010, com 146 mil votos, e do Bebeto, Deputado Estadual também pelo Rio. Há ainda outros deputados, vereadores e secretários em suas respectivas cidades.

Apesar dessa aproximação frequente entre política e futebol o presidente do centenário não veio dos palanques, mas sim das arquibancadas. A função nada fácil de comandar qualquer coisa traz muitos benefícios, mas também muitos reveses. Afinal quem nunca ouviu a famosa frase dita a um herói dos quadrinhos: “grandes poderes trazem grandes responsabilidades”? E o grande poder de comandar o XV no seu centésimo aniversário ficou a cargo de Celso Christofolletti.

Piracicabano e apaixonado por futebol, Christofolletti viu o XV pela primeira vez com apenas 6 anos de idade. Na época ele foi levado pelo pai e pelo avô ao antigo estádio Roberto Gomes Pedrosa, e viu o XV empatar no finalzinho do jogo. Foi amor à primeira vista. Desde então não queria mais sair do campo. Fez parte de torcida organizada e até ajudou a fundar uma delas.

Meu encontro com o presidente do XV foi em agosto, há apenas três meses do centenário, em seu escritório pessoal. Confesso que estava meio nervosa para conversar com a pessoa que ocupa o cargo mais importante no clube e não sabia o que esperar.

Quando cheguei, Celso estava conversando com seu diretor de marketing. Eles falavam sobre a escolha de algum ex-jogador para receber homenagens, mas Celso estava relutante.

- Mas é complicado. Se a gente escolhe um jogador, vem a família de outro perguntar por que fulano não foi escolhido. Nunca dá pra contentar todo mundo.

- E se a gente pedir para os torcedores votarem na internet? Assim a escolha não é nossa.

- Isso. Faça isso. Melhor.

Ele assinou um papel, olhou para mim e disse:

- Aqui é sempre assim. É meu escritório, mas vivo tendo que resolver coisas do XV. É um entra e sai o dia inteiro.

É, acho que presidente tem que ser presidente em tempo integral. Com seu jeito descontraído de falar logo me senti mais à vontade e começamos a conversar.

- Você foi até presidente de torcida organizada? Como foi isso?

- Eu já era apaixonado pelo XV e sempre ia aos jogos. Daí, na década de 70, comecei a fazer parte da organizada. Eu fazia parte da torcida Sobrinhos do Nhô Quim. Mas por volta de 1974 e 1975, alguns dos integrantes saíram e resolvemos montar a torcida uniformizada Camisa XV. Fui eleito presidente da torcida. A gente acompanhava o XV para tudo quanto é lugar, até fora do estado, porque disputava o Campeonato Brasileiro. Era uma época um pouco diferente, o futebol não era tanto um negócio. Nós tínhamos mais acesso aos jogadores, frequentávamos as concentrações, ajudávamos a cortar grama, fazer comida, porque o clube não tinha tantos funcionários como temos hoje. Os jogadores ganhavam menos. Até na época de páscoa a gente fazia vaquinha pra comprar ovos de páscoa e levar para os jogadores que tinham filhos.

- E vocês faziam caravana para os jogos também?

- Sim. A gente saía ali da praça da catedral. Tem uma história engraçada. Teve uma vez que o XV ia jogar em Sorocaba em um domingo. Fomos para a praça por volta das 11 horas da manhã. Daí a pouco chegaram umas sete, oito namoradas dos meninos, inclusive a minha, e falaram que a gente não ia no jogo porque era domingo e a gente tinha que ficar com elas. Claro que a gente nem deu bola e foi mesmo assim. Até perdemos, foi um dia infeliz aquele. Na volta estavam todas as namoradas lá com pais, vizinhos, irmãos e tinha até polícia, porque elas falaram que a gente tinha agredido elas. No fim não deu nada.

- E o namoro? Terminou?

- Ah, terminou sim. Terminaram todos os namoros, porque a gente era solidário. Se um largasse os outros largavam também. Era o XV em primeiro lugar.

- Você já participou de briga de torcida organizada?

- Eu tenho até cicatriz aqui. Essa foi numa briga em Marília. A gente não era de brigar, mas tinha que se defender né. Essa cicatriz foi quando me deram com um pau que tinha prego.

- E até quando você ficou na torcida organizada?

- Ah, o tempo foi passando, conheci minha esposa atual, hoje sou casado há 34 anos e já temos até netos. Aí com a faculdade, o trabalho, tive que começar a dar mais prioridade para minha vida.

Falando em esposa, ela apareceu gritando na janela avisando que ia buscar os netos na escola. Também reparei que mesmo depois de 34 anos de casado ele conserva um porta-retratos da mulher na mesa de trabalho.

- E sua esposa gosta do XV?

- Ah, ela acompanha tudo. É formada em nutrição, então ajudou a reformular toda a cozinha lá dos jogadores. No começo ela nem gostava de futebol, mas percebeu que ou ela tinha que me largar ou começava a gostar do XV.

- Então ela resolveu gostar do XV?

- Ah, sim. Hoje ela é mais explosiva que eu quando vai aos jogos. Tem que ficar segurando, porque ela fica xingando a torcida adversária. Outro trabalho importante que ela faz é com as mulheres dos jogadores. Ela dá um bom apoio às esposas porque às vezes são de fora e quando chegam aqui não têm ninguém com quem possam contar. Daí minha esposa que vai atrás. Montaram até o comitê feminino.

Depois de se dedicar alguns anos à família e ao trabalho, Celso se aposentou e hoje leva uma vida menos atribulada. Foi graças a isso que ele conseguiu se candidatar a presidente do clube e voltar a atuar de forma mais presente no time do coração.

- Quando eu ia imaginar que um torcedor de arquibancada podia ser presidente no ano do centenário?

Ele me fez a mesma pergunta que eu estava me fazendo naquele momento. E os olhos do presidente durão, que antes me botaram medo, começaram a lacrimejar. Agitado, enxugou as lágrimas e se desculpou.

- Quando eu falo do XV sou meio chorão. Mas é importante pra mim. Esses dias, veio um jornalista fazer uma matéria e me falou algo que eu não

tinha parado para pensar: quando o XV fizer 200 anos ainda vão lembrar que, quando fez 100, o Celso era presidente. Então é uma honra bastante grande, mas também um desafio.

- De que forma?

- Como qualquer clube, o XV tem muitas dívidas. Oportunistas do passado, de uma época em que o XV foi terceirizado, se aproveitaram do clube. Hoje estamos procurando sanar as dívidas, estamos negociando, e o objetivo agora é voltar para o Campeonato Brasileiro. Por isso eu digo: não vou gastar um real com comemoração de centenário. Estamos com uma crise financeira, e o centenário não vai passar em branco, mas não é prioridade. Então se alguém quiser ajudar ótimo, senão o máximo é dar duzentos litros de chope no dia 15 de novembro e boa.

- Mas como ajudar?

- A FMC, empresa patrocinadora oficial do XV no Campeonato Paulista, por exemplo, vai trazer o maestro para fazer um concerto no dia 14 de novembro, mas não vamos gastar nada.

- E vai ter jogo comemorativo no dia 15?

- Se eu tiver que gastar não. Tem time que quer 50 mil pra vir jogar. Eu não pago.

Pelo jeito nem ele nem mais ninguém pagou, porque não teve jogo comemorativo. Como eu já falei no primeiro capítulo, o dia 15 foi marcado apenas pela festa do centenário, com o chope prometido.

E já que esse presidente já esteve na pele de torcedor, perguntei:

- Analisando como presidente, ter uma torcida próxima, como a do XV, é bom para o clube?

- Uma das coisas com que mais sei lidar é com torcida. Na maior parte das vezes ter essa torcida é muito bom. Acompanhar, ir ao campo, ajuda muito. Os jogadores sentem essa presença, essa paixão. Mas não concordo com algumas atitudes de uma minoria que às vezes se sobressai.

- Como assim?

- Teve um jogo do Paulista, por exemplo, que a gente ia jogar contra o Corinthians. O time não estava muito bem, e foi uma meia dúzia da Esquadrão em um treino xingar jogador. Saí da minha sala e fui falar com eles: "O que

vocês estão fazendo aqui? Xingando jogador nosso? Então vocês torcem para outro time, mas não pro XV. Se cair e precisar xingar ou bater em jogador vocês chamam que eu vou junto, mas xingando agora vocês estão prejudicando nosso time.” Claro que eu falei que ia bater da boca para fora, mas depois que eu falei eles ficaram quietos. Então eu digo que não atrapalha, mas tem algumas atitudes que precisam ser revistas.

Para finalizar, como este capítulo é sobre a relação do XV com a política local, não poderia faltar uma pergunta sobre o relacionamento da presidência do clube com a prefeitura.

- Temos um relacionamento muito bom, mesmo. Com o prefeito Gabriel Ferrato, e com o Secretário de Esportes, por exemplo, a relação é excelente. A gente percebe uma vontade grande de ajudar, mas às vezes eles ficam travados por amparos legais. Até porque não dá pra ficar liberando dinheiro pra tudo também. Claro que, como quinzista e gestor, a gente sempre acha que poderia ser um pouco melhor, né? Mas na medida do que eles podem, a parceria é boa.

Fiquei imaginando que provavelmente essa crítica seria mais ferrenha se fosse apenas mais uma conversa de barbeiro. Daquelas da época em que os piracicabanos ainda pediam “arco, tarco e verva”. Quando os homens ainda se reuniam nos barbeiros para falar de mulher e futebol, assunto preferido dos brasileiros.

Mas se é para falar de política nada mais justo do que falar com representantes da política da cidade. No caso, fui falar com o secretário de esportes, que é quem vive mais o dia a dia dessa fusão.

Consegui um encaixe na agenda de João Francisco Rodrigues de Godoy, Secretário Municipal de Esportes, Lazer e Atividades Motoras, mais conhecido como Johnny, em uma semana atribulada, as vésperas dos jogos regionais. Quando cheguei e me apresentei ele comentou:

- Vai ser fácil me lembrar do seu nome. Minha filha também chama Bárbara.

- Ah, então o senhor tem bom gosto.

- Sim. Seus pais também.

Apesar da simpatia, logo percebi a diferença entre se trabalhar com entrevistados comuns e entrevistados com cargos políticos. Johnny me fez um pedido comum para quem está acostumado com tanta burocracia.

- Depois que você terminar de escrever, você manda uma cópia para a assessora só para gente ver se está tudo certo e se pode publicar.

Expliquei que eu não poderia trabalhar dessa forma. Que era um livro e era mais complicado de fazer isso do que em uma matéria de jornal. Ele pareceu entender, e novamente esbarramos em outra formalidade.

- Olha como você falou que ia falar sobre o XV, eu digitei algumas respostas aqui sobre a relação do clube com a prefeitura, com o Estádio...

Ele havia feito a lição de casa.

- Ah, ótimo. Mas será que posso fazer algumas perguntas mais livres para poder gravar?

- Pode sim.

Finalmente nos entendemos e pude fazer a primeira pergunta.

- Qual a importância para a cidade em ter um time centenário?

- Toda instituição centenária, dentro de um município, estado, e até para um país tem um significado importante. Aqui em Piracicaba já temos várias instituições que têm, digamos, esse status. A ESALQ, o Instituto Educacional Piracicabano, entre tantas outras. O XV será mais uma dessas. Podemos dizer que são instituições que falam por si só sobre a história do município. Seja no meio educacional, esportivo, ou arquitetônico. Então o XV adquire uma relevância não apenas esportiva, mas histórica. Ele leva nossa cultura caipira pra onde vai, como uma espécie de embaixador do município. E se compararmos o XV a outras equipes, podemos falar que ele já tem essa característica bem acentuada. Não é só por ter cem anos, mas com o decorrer do tempo o XV foi incorporando toda a característica histórica de nosso município, e criou-se uma identidade muito grande, que talvez em outras cidades não seja tão visível como é entre o XV e Piracicaba.

- E com tudo isso que o XV representa você acredita que ele interfere na política local?

- O próprio futebol tem um contexto político muito forte. Sejam ex-atletas que hoje são vereadores, deputados, ou dirigentes políticos que também

militam no futebol e vice e versa. Então o próprio futebol, pela influência que tem e pelo interesse público que atrai, acaba se misturando com a política. Em Piracicaba por conta de toda essa história isso fica ainda mais evidente. Politicamente todos gostam de ter uma aproximação com o XV, porque isso é simpático e é de interesse público. A política vai onde tem interesse público e visibilidade. O XV proporciona tudo isso. Então os políticos têm essa relação de proximidade e o XV acaba por influenciar no município.

- O XV traz voto?

- Sim. O XV traz voto e também pode fazer perder voto se os políticos não se interessarem pelas coisas do time. Isso é bem nítido, mas acredito que não é só questão de política. A maioria dos políticos daqui são piracicabanos e já gostam do XV. Como tem esse valor cultural e histórico, tem que valorizar mesmo. O XV é um ícone piracicabano.

Como os políticos que Johnny citou, ele próprio é piracicabano. E, como todo garoto piracicabano, aprendeu a gostar do XV desde a infância. Amante dos esportes, fez dois anos de Agronomia, mas viu que não levava jeito para a coisa e trancou a matrícula para fazer Educação Física. Além de gostar de assistir aos jogos, ele também gosta de jogar.

- Jogo futebol toda quarta-feira. Hoje é dia. Temos o time da prefeitura. Tem essa foto que não me deixa mentir. Sempre inauguramos campos na cidade, fazemos amistosos...

Ele me mostra a foto que tem na mesa com o time na perfilado.

- Fala um pouco então sobre a parceria do município com o XV. Todo mundo sabe que o estádio é da prefeitura.

- Raramente nos municípios do interior as equipes têm um centro de treinamento ou um estádio próprio. Então é comum que o estádio do município seja usado pela equipe de futebol da cidade. Muitas vezes ele é até construído pra atender essa demanda, essa relação é comum. Muitas pessoas até confundem e ao invés de chamar de estádio municipal chamam de campo do XV. E nós temos um contrato de uso do estádio com o XV, para que eles possam administrar, fazer publicidade, cuidar e utilizar. Para a prefeitura isso também é importante. Traz grandes espetáculos para a cidade. Então a prefeitura mantém o espaço, a segurança, o conforto para que as pessoas

possam ir com tranquilidade, com a família e amigos para ver grandes jogos. Para isso também é importante que o XV tenha um bom desempenho, para trazer grandes espetáculos para a população de Piracicaba.

Nisso eu ainda não tinha pensado. Claro que é importante para a prefeitura que o time da casa tenha um bom desempenho. Um jogo entre XV e Corinthians com certeza dá muito mais visibilidade do que um XV e Taquaritinga, ou XV e Santacruzense. Com mais visibilidade, o trampolim para a política funciona com mais eficácia, portanto a ajuda financeira que muitos municípios dão aos clubes da cidade pode ser relacionada à importância de montar um bom time e disputar um bom campeonato tem para a política local.

- E tem mais alguma parceria além do estádio?

- Além dessa questão estrutural, que é o principal, temos também um trabalho com as equipes de base, através da associação Amigos do XV. Muitas vezes cedemos transporte, fazemos a compra de material necessário e repassamos recursos. Em troca, a equipe sub-20 do XV representa Piracicaba nos jogos regionais e abertos. Essa parceria também é importante porque acaba projetando muitos meninos. Alguns saem da cidade e vão jogar em outros clubes, mas outros ficam no XV e sobem para o profissional.

A partir dessas entrevistas pude perceber que a política da cidade e o XV se misturam muito. São prefeitos, secretários e vereadores que antes mesmo de entrarem para a política já tinham o XV como time do coração. Por outro lado aparecem diretores e presidentes do XV que se utilizaram dessa visibilidade para se candidatar a cargos na cidade. Fora a grande mistura que acontece nas categorias de base do clube, que como o próprio secretário de esportes falou representa a cidade de Piracicaba em jogos regionais. Isso mostra que o XV e a cidade de Piracicaba têm uma relação muito mais próxima do que apenas a de clube – cidade-sede. E ela também ultrapassa a relação palanque – quatro linhas.

*

Se influencia na política local, provavelmente influencia na economia. Mas essa relação já é um pouco menos visível. A cerveja e os petiscos da

concentração no bar na frente do estádio, a mensalidade dos sócios e os ingressos dos não-sócios, o preço das caravanas, dos instrumentos das baterias das torcidas organizadas, transações de jogadores, salários de funcionários e eventos do centenário. Sim. O XV movimenta o dinheiro do bolso de muita gente nessa cidade. Para entender um pouco dessa relação comercial do clube saí em busca de um produto fundamental para um time de futebol: uma camisa do XV de Novembro.

- Oi. Eu queria comprar uma camisa do XV. Você tem?

- Não. Tá em falta. Vendi a última essa semana. Fiz o pedido, mas ainda não chegou.

Foi a resposta que recebi na Futebol.com, a única loja de artigos esportivos que visitei e na qual não encontrei produtos do XV. Apesar do nome, a loja, que fica no centro de Piracicaba, tinha mais agasalhos e roupas de ginástica do que camisas de times de futebol.

O dia escolhido para sair nessa busca foi uma terça-feira à tarde. Embora estivéssemos em junho, havia um sol de rachar, e eu sabia exatamente onde procurar uma camisa do XV, como qualquer piracicabano. Mas resolvi deixar esse lugar por último, e começar pelas lojas menores, e menos prováveis. Eu queria ver se o XV estava presente nas lojas de esportes da cidade, e se ocupava um lugar de destaque nas vitrines.

Depois de visitar a Futebol.com fui à loja Raya. Tradicional em vendas de artigos esportivos em Piracicaba, é a maior loja em que eu entrei no dia. Logo que cheguei comecei a olhar atentamente para a vitrine e para as prateleiras. Uma camisa do São Paulo em uma manequim feminina, uma camisa do Palmeiras em um manequim masculino. Uma raquete de tênis, uma bola de futebol e alguns agasalhos. Nada do XV.

- Você tem camisa do XV?

- Tenho sim. Mas tem que buscar lá dentro.

- E tem mais algum artigo do XV ou só a camisa?

- Só a camisa mesmo.

- E por que não fica exposto? Você sabe se vende bem?

- Ah. Até vende. Mas os times de São Paulo vendem melhor. Então a gente dá preferência para eles. Acho que camisa do XV vende melhor na Deffende.

Sim, a Deffende. O lugar a que qualquer piracicabano iria logo de cara para comprar qualquer coisa do XV. Mas não é lá que vou ainda. Tem mais uma loja para visitar. E essa eu tinha certeza que tinha coisa do XV.

Na primeira vez que fui a Fanáticos uma coisa já me chamou a atenção. A disposição em que os artigos esportivos ficam expostos na loja. É um ambiente quadrado, com três paredes para exposição. Do lado direito estão o Palmeiras e o São Paulo. Do esquerdo, Santos e Corinthians. O XV fica no meio. Dividindo as rivalidades das capitais, como que em uma zona branca, ao lado da Seleção Brasileira.

- Por que essa divisão?

- A disposição é para dar destaque para o XV e também para homenagear a cidade. Além disso, o XV é um time neutro. Muitas vezes uma pessoa entra na loja para comprar algo de outro time e acaba levando alguma coisa do XV também. Na maioria das vezes os piracicabanos torcem para algum time da capital e para o XV. Mas o XV é sempre a primeira opção de todo mundo.

Fernando Ferraz Domingues não é piracicabano. Apesar da preocupação com a disposição da loja e da homenagem para a cidade, o dono da Fanáticos morava em São Paulo e torcia pelo time que leva o nome da metrópole. Mas lembra que na década de 1970 todos tinham pavor de jogar contra o XV por conta do presidente Rípoli, que impunha respeito.

- O que chamava a nossa atenção era o hino popular do XV. Na época existia um programa chamado Show de Rádio; quando tinha jogo do XV todo mundo parava para ouvir as imitações do pessoal de Piracicaba e o hino popular.

- Como você veio para cá?

- Minha esposa veio dar aula na UNIMEP. Daí, comecei a gostar muito do XV. Hoje eu falo que torço em primeiro lugar para a Seleção. E depois torço para o XV. O São Paulo agora está em último lugar na minha torcida. (Risos)

- E tem bastante retorno financeiro na venda dos artigos do XV?

- Olha, não é maravilhoso, mas tem. O XV não está em primeiro lugar nas vendas, mas também não está em último. O Corinthians vende mais disparado. Mas o Santos tem uma torcida envelhecida, então vende pouco. Vai muito da época também. O XV ficou muito tempo sem título, sem disputar campeonatos importantes, daí vendia pouco. Quando subiu para a A1 do Paulista vendeu muito. Camisa de jogo, por exemplo, na época que tem jogo da A1, resulta em uns 10% do faturamento da loja. Já a parte de souvenir é bem baixa. Representa uns 2%, 3% do faturamento. Mas quando o XV subiu, dispararam as vendas, e até faltou produto.

- Quem procura mais pelos souvenirs do XV?

- Tem muita gente que vem passear em Piracicaba e quer levar alguma lembrança. Ou vai visitar amigos de fora e querem levar presentes. Nesses casos o XV é o primeiro pensamento. O XV é uma marca forte.

Sim. O XV é uma marca forte. A camisa do XV é um ícone que representa Piracicaba, e muitas vezes é vendida como tal. Em muitas cidades do interior, o público vai ao estádio vestido de colorido, ou seja, cada um com sua camisa de algum time da capital, apenas para assistir ao espetáculo. Isso já aconteceu no Barão. Não acontece mais. O que se vê são milhares de pessoas em duas cores: preto e branco.

E se o XV é um time caipiracicabano, sua camisa também é. Isso porque todas as camisas do clube são fabricadas em Piracicaba, pela Deffende, a loja que adiantei no início da busca e que de certo seria minha primeira opção em uma busca qualquer, por ser também o fabricante do produto procurado.

Antônio Deffende Júnior, o dono da fábrica e da loja, conta que a empresa tem 16 anos, e a parceria com o XV tem 11. Por ano são vendidas em torno de três mil camisas na cidade, contando com a venda na loja e as distribuições.

- Qual a época em que mais se vendem camisas?

- A época que eu mais vendi foi quando o XV fez campanha para subir e conseguiu o acesso à primeira divisão do Campeonato Paulista. Mas agora com essa copinha a gente vende muito pouco. São no máximo três camisas por dia.

- E você fabrica a camisa de mais algum clube além do XV?

- Sim. Também sou fabricante dos uniformes do União Barbarense e do Inter de Limeira.

- E como é a venda?

- Ambos vendem menos que o XV, mas isso se dá também pelas cidades serem menores.

Diferentemente das outras lojas que visitei, a Deffende, por ser fabricante, não vende camisas ou artigos esportivos relacionados a clubes da capital, portanto a venda de artigos do XV tem participação significativa na renda da empresa. Os uniformes do XV ficam em destaque em manequins da loja que expõem desde as camisas de jogo, até as femininas, infantis, de treino e as de viagem.

Além da fabricante e das lojas de artigos esportivos da cidade, há uma loja exclusiva do XV que fica no Estádio Barão de Serra Negra, e vende artigos esportivos e uniformes do clube. A loja fica aberta até em dia de jogo, e a vendedora Rebeka Zen sente diferença no movimento:

- Em dia de jogo só fechamos quando o jogo vai começar e é bem corrido. Aumenta bastante o movimento.

- E tem bastante procura na loja?

- Tem. Vem até gente de fora: São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte, Bahia. A gente percebe que o pessoal que vem visitar a cidade faz questão de levar de presente. Ontem mesmo veio um homem que mora no Japão faz 22 anos, e comprou várias pra levar de presente para o pessoal de lá.

Sim. O XV é internacional. Já falamos do piracicabano que mora nos Estados Unidos e leva a bandeira do XV para qualquer jogo de lá. Agora mais esse do Japão. Como uma boa piracicabana eu diria que esse time tá chique no *úrtemo*.

Esses suvenires quinzistas provam mais uma teoria: a de que o XV influencia a cidade de Piracicaba não só politicamente, mas mercadologicamente. O XV se transformou em um ícone que representa a cidade. Como disse o Johnny, secretário de esportes da cidade, ele é como um embaixador do município, que leva o nome de Piracicaba aonde vai.

Então retomemos as perguntas iniciais do capítulo: O XV sofre alguma influência da cidade? E a cidade? É influenciada pelo clube que abriga? A

resposta é sim. O XV interfere politicamente e economicamente na cidade de Piracicaba. Ele tem o seu mercado e leva o nome de nossa cidade a outras regiões e até países, além de servir de vitrine e até trampolim para nossos políticos e candidatos. Já Piracicaba influencia diretamente no XV quando cede o estádio municipal para o XV treinar, jogar e se utilizar economicamente. Não se sabe se isso é bom ou ruim. O fato é que são unidos e já no nome não se imagina um sem o outro. O XV faz mesmo parte dessa terrinha em que se fala “arco, tarco e verva”. E com essa afirmação só resta uma dúvida: É o XV de Piracicaba ou a Piracicaba do XV? Acredito que o tempo dirá.

Salve o XV de novembro

O XV completou um século no dia 15 de novembro de 2013. Dia da proclamação da república. Dia de muita importância para nosso país. Dia de muita importância para nosso país e para muitos clubes brasileiros. Não por acaso, o dia 15 de novembro é a segunda data com mais fundação de clubes no Brasil. Perde apenas para o dia 1º de janeiro. São times de diferentes estados do país e até de diferentes modalidades esportivas. Mas apenas dois levam o 15 de novembro também em seu nome. O XV de Piracicaba e o XV de Jaú levam o mesmo nome oficial: Esporte Clube XV de Novembro. O XV de Jaú foi além, até o uniforme é verde e amarelo, as cores do Brasil. E o XV de Piracicaba? Nunca teve a intenção de vestir essas cores?

O historiador Rui Kleiner garante que sim.

- Quando o XV foi fundado em 1913, estava no papel que o terceiro uniforme da equipe seria verde e amarelo. E em 2003, quando o XV completou 90 anos foi lançada uma camisa comemorativa nessas cores. Mas acho que não agradou muito.

Não deve mesmo ter agradado. Até porque o uniforme comemorativo do centenário continuou com a tradicional camisa zebraada em preto e branco. Mas bem que o marketing quinzista poderia aproveitar a copa e lançar a camisa da seleção do XV, como Palmeiras e Corinthians fizeram. Times, que vamos combinar, não deveriam nem ter o direito de usar essas cores. O primeiro foi fundado em agosto de 1914, e o segundo em setembro de 1910. Nenhum dos dois nasceu no dia da proclamação da república, como o XV. E estão fazendo o maior sucesso com os uniformes nessas cores. Claro que os palmeirenses vão falar que o Palmeiras foi o único time a representar a seleção brasileira, em 1965 contra o Uruguai. Mas nem isso o Corinthians fez, e também se aproveita do verde e amarelo para vender camisas no ano da Copa do Brasil.

Mudando de assunto, como já ficou prometido desde o primeiro capítulo, agora é hora de apresentar melhor essa personalidade da cidade. Rui Kleiner é músico, historiador, colunista e apaixonado pelo XV. Não só pelo XV, mas também por tudo que envolve a nossa cidade. Mas vamos “começar pelo começo”.

Em mais um dia de entrevistas peguei o endereço, procurei no Google Maps e consegui me localizar. Ufa, lugar fácil de chegar. Pertinho de casa. Montei no carro e fui em direção ao lugar indicado. Pronto. Achei a rua, mas cadê o número? Estacionei o carro e continuei o percurso a pé mesmo. Deve ser esta casa. Sim, com certeza é esta casa. A certeza eu não tive por confirmar o número, mas por dar de cara com Seu Geraldo no abrigo.

Seu Geraldo é um boneco simplório, com chapéu de palha e uma camisa velha. Como todo caipiracicabano Seu Geraldo também é quinzista e até posou com a bandeira do time do coração para sair chique no *úrtemo* na foto. Seu Geraldo é filho de Elias. O pai dos Bonecos. Os bonecos do Elias.

Elias Rocha, mais conhecido como “Elias dos Bonecos”, nasceu no dia 3 de agosto de 1931 em Piracicaba. Além de ser o pai de muitos bonecos quinzistas, como Seu Geraldo, ele tem uma ligação ainda mais forte com o time da cidade. Chegou a jogar como quarto-zagueiro no XV em sua mocidade, mas o futebol profissional não era o seu destino.

O destino de Elias dos bonecos era confeccionar bonecos. Assim em tamanho natural, como Seu Geraldo, que parece gente. Feitos de sucata e de roupas doadas pela população, os primeiros começaram a aparecer nas margens do rio Piracicaba.

*

Lembro-me deles desde bem pequena. Meus pais nos levavam para passear na beira do rio e lá estavam os bonecos pescadores do Elias. Com vara na mão e tudo. Eles ficavam lá, observando, pescando e dando asas à imaginação das crianças que por ali passavam.

- Mãe por que esses bonecos ficam aí?

- É para espantar pescador que vem na piracema. Eles ficam vigiando o rio.

Não sei se a resposta da minha mãe estava totalmente correta. Mas uma coisa é certa. Elias queria conscientizar a população piracicabana e os turistas que por ali passavam. Queria chamar a atenção para aquele rio, que

como muitos outros, sofria um processo de degradação ambiental e esquecimento.

*

Elias faleceu em 2008, mas seus bonecos continuam firmes e fortes. Eles sempre fizeram parte da paisagem piracicabana, e continuarão ainda por muito tempo. Como o Seu Geraldo. Que está ali no abrigo da casa. Só olhando o movimento. Ele me observa olhando para dentro e esboça um sorriso. Sim. Só pode ser esta a casa. Toco a campainha.

- Bárbara?

- Isso. Ruy Kleiner, né? Prazer em conhecê-lo.

- Entra. Vamos conversar.

- Gostei do boneco.

- Ah, é o Geraldo. Boneco do Elias dos Bonecos.

- Sim. Poucos têm o privilégio de tê-los em casa.

- Ah, é um privilégio mesmo.

Sentamos para conversar e tive uma surpresa. Mais um apaixonado que não é piracicabano de fato. Ruy Kleiner é rio-clarense. Mas nunca morou lá.

- Praticamente só nasci em Rio Claro. Me considero piracicabano.

- E como começou a sua história com o XV?

- Minha história é parecida com a dos moleques em geral. A primeira vez que fui ao campo tinha 4 anos só. Dois vizinhos que me levavam. Minha mãe só me deixava ir com eles. Tinha aquela coisa mágica de ficar na rua esperando para ver jogador passar. Vi desde o time de 83. Daí, na década de 90 inteira o XV disputou a série A. Jogador era formador de opinião. Então eu peguei a fase boa do futebol. O XV representava a nossa cidade. Então muita gente simples ia para ver a cidade jogar, e o XV dava trabalho para todo mundo.

- Hoje você é conselheiro?

- Sim. Faz quatro anos. E olha que sou pé quente. Quando eu entrei pro conselho, o time estava na terceira divisão, e agora estamos na primeira.
(risos)

- E nunca pensou em ser jogador?

- Ah, eu cheguei a jogar na base do XV. Não tinha o menor talento. Mas eu era tão quinzista que me mantinham lá.

- Você disse que antigamente o jogador era formador de opinião. Hoje não é mais?

- Está havendo uma banalização das coisas. Hoje, por exemplo, o grande craque da molecada é o Neymar. Para mim, ele não é exemplo pra ninguém. Agora se você pega um Sócrates, Ademir da Gui, ou o próprio Raí, tem uma diferença grande.

- Hoje quem você apontaria como um ídolo?

- Acho que o Seedorf do Botafogo. Porque é difícil um africano¹ que jogou na Europa querer jogar no Brasil, ele fez o caminho reverso. Está aqui porque quer.

Rui tem esse olhar saudosista no rosto. Algumas coisas ele fala com tristeza. Como se realmente sentisse muito pelo futebol ter se tornado algo tão mercadológico. E acho que ele realmente sente. Mas pergunto sobre o XV e ele volta a se animar.

- Já que você acompanha o XV por tanto tempo, qual foi a escalação que você mais admira?

- O time que gosto de colocar em campo no botão é o de 1947, 1948. Goleiro Ary, Elias, Idiarte, Adolfinho, Cardoso, Strauss, Sato, Picolino, Rabeca, Gatão e Cardeal.

- Nossa, você nem estava vivo nessa época e gosta dessa escalação?

- (Risos) Não mesmo. Nasci em 1979. Comecei a ver o XV jogar em 1983. Mas esse time de 47/48 era fora de série. A gente viu nesses últimos anos só vinagre.

- E como é a torcida quinzista?

- A relação da torcida é um pouco complicada. Como é muita gente e eles gostam muito do XV, as relações adversas acabam atrapalhando um pouco. Agora que estou do outro lado consigo enxergar isso. Se toma um gol já

¹ O Entrevistado deve ter se equivocado, pois o Clarence Seedorf é holandês. No ano de 2014 ele se aposentou e se mudou para a Itália para ser técnico do Milan.

vem reclamar com o conselho. Então é uma relação de amor e ódio. O amor é muito próximo do ódio.

- Mas você viu um aumento de público por conta da melhora do XV nesses últimos anos?

- Vi. Mas mesmo na A3 tinha jogo com 3 mil pessoas. Ninguém acredita.

- Nós temos mais torcida que nossos adversários diretos do interior?

- A explicação matemática é assim: as cidades que são maiores que Piracicaba têm dois times. Mas temos realmente um bom público.

- E por que o XV tem essa simpatia mesmo com o pessoal de fora?

- Primeiro por causa do nosso hino popular. O piracicabano já é conhecido como caipira por conta do “R” retroflexo puxado. E o XV acompanha. O XV passa as coisas do caipira no bom sentido. Ô, boa gente. É a personificação do Nhô Quim. Então todo mundo gosta. Ainda tem gente que tira sarro de maneira pejorativa, mas na maioria das vezes o pessoal se identifica.

- Já que você também é músico: temos dois hinos. O popular e o oficial. Você conhece um pouco da história?

- Sim conheço. Até participei da gravação quando gravaram os dois hinos em 1997. A letra e música do oficial são do Anuar Kraide e Jorge Chaddad. Já o popular, a gente saiu nas ruas mesmo perguntando para as pessoas como elas achavam que era. Porque não era padronizado. Não tinha uma ordem. Fomos falar também com o Rocha Neto, e ele escreveu bonitinho a letra para a gente. Eu aproveitei e perguntei se esse hino já tinha sido cantado em estádio, e ele respondeu que não. O que ele me contou foi que os alunos da ESALQ e outras pessoas que vinham de fora, quando chegavam aqui acabavam criando uma simpatia com o linguajar local, e também pelo XV. Aí eles acabavam inventando essas coisas para contar para os outros como a gente falava. É como uma receita: Em Piracicaba o povo fala: “cáxara de forfe”, “ásara de barata”...e por aí vai.

- Mas e a história de que foram os torcedores da Ponte Preta que inventaram o hino para tirar sarro dos piracicabanos?

- Essa história está errada. Foram os estudantes de fora. Era uma homenagem a nós. E o piracicabano acabou adotando.

Para quem não se lembra, a versão da história de que foram os torcedores da Ponte Preta que inventaram nosso hino popular já foi apresentada no capítulo “Já que ta que fique”, pelo historiador piracicabano Cecílio Elias Neto. Mas como podemos ver, nem os historiadores da cidade conseguem entrar em um consenso quanto à autoria do hino. Então, não entraremos nesse mérito. O importante é que ele foi estruturado e gravado. E para quem quiser aprender a cantar é só dar uma olhada no final do capítulo.

- Eu ouvi dizer que tem uma versão do centenário do hino. É verdade?

- Sim. Ela já está pronta. Na verdade, ele foi feito pelo Chaddad, mas ele coloca o Kraide em parceria. Porque, mesmo tendo morrido em 1995, ele escreveu uma melodia que ele disse que seria do centenário do XV, e o Chaddad usou ela. Eu tenho a letra e as cifras.

- Que bacana. Bem que você podia tocar para eu ouvir né?

- Claro. Só não pode divulgar antes da seresta.

- Ah, não se preocupe. O livro só sai ano que vem.

- Então tranquilo. Vou pegar o violão.

Em menos de um minuto ele voltou com o violão em mãos. Sentou no sofá e começou a tocar a marcha. Comecei a filmar. Me esqueci de que não iria adiantar de nada. Foi instintivo. Depois de ouvir com atenção pedi para conhecer a sala do XV dele. Sim. O time do coração tem um lugar especial na casa. Uma sala que reúne fotos, bandeiras, camisas e o principal: o jogo de botão.

- Gosto de jogar com esse time aqui. O time de 47, 48. Que escalei para você.

- Sim. Você sabe décor e salteado, né?

- Ah, não tem como esquecer.

No canto do quarto me deparei com mais um boneco do Elias. Caramba, esse cara é privilegiado. Não tem apenas um, mas dois bonecos. Não é para qualquer um. Esse portava a faixa de campeão paulista da série A2 de 2011 do XV. Pelo jeito, mais um quinzista.

Nos despedimos, e quando eu já ia saindo lembrei de uma coisa:

- Rui, você falou que vai ter seresta de apresentação do hino do centenário, não é isso?

- Sim. Vai ser lá na Rua do Porto.
- Quando vai ser?
- Ainda não tem data. Mas quando tiver eu te aviso.
- Avise sim, por favor. Gostaria muito de ir.
- Pode deixar.

E ele me avisou. Não por um telefonema, ou por Facebook. Ele me avisou pessoalmente em um jogo em que nos encontramos.

- Bárbara. A seresta é essa sexta-feira.
- Ah, que bom que você me lembrou. Estarei lá.
- É na Rua do Porto.
- Combinado. A gente se encontra.

*

Ah, a Rua do Porto. Quanto passear pela Rua do Porto. Lembro-me de ir à Rua do Porto desde a infância. Passear, brincar na Ponte Pênsil, comer curau, pamonha, tomar sorvete e caldo de cana. Nada mais piracicabano. Além das crianças e das famílias que passeiam por lá, casais aproveitam o cenário romântico do rio para namorar. A vista do véu da noiva, queda d'água que já serviu de inspiração para muitas histórias e folclores apaixonados. Ao som das corredeiras. Cheiro de água. Minha mãe foi pedida em casamento no mirante da Rua do Porto. Quantas noivas não tiraram fotos no mirante do rio? Cada piracicabano tem uma história para contar sobre aquelas ruas e alamedas que cercam o rio Piracicaba. E eu estava prestes a presenciar mais um dia que ficaria na história daquele lugar.

A seresta. Ato de cantar canções de caráter sentimental à noite. Choros, sambas e modas brasileiras são bem-vindos às serestas. No caso piracicabano, especificamente, além do bandolim e do violão, o som das corredeiras do rio é obrigatório para a canção ficar completa. E estava tudo perfeito. O palco armado, o público acomodado, com mesinhas de bar e copo de cerveja na mão, até o clima estava ajudando. Noite estrelada, sem nuvens à vista. Hora de começar o show.

Comecei a andar entre as mesas. Observar e tirar fotos. Mais uma vez senti um clima familiar. Muita gente se conhecia. Muitos senhores e senhoras de meia idade. Antigos companheiros de serestas. Encantados com os jovens talentos que ali tocavam.

- É muito bom ver jovens tão novinhos tocando música boa. – um comentava.

- Pois é. Muito melhor que essas músicas de hoje em dia. – o outro completava.

Em um canto. O reduto dos quinzistas. Todos com agasalho do time do coração. Brincavam e falavam alto com intimidade de quem está junto há muito tempo. Estavam ali para ouvir o hino do centenário. Que logo seria anunciado, na voz de Rui Kleiner.

- E agora meus amigos, nós vamos tocar o hino do centenário do XV. É uma homenagem ao nosso time que esse ano faz cem anos. Letra e música de Jorge Chaddad e Anuar Kraide.

Os quinzistas foram para a frente. Ficaram ali de pé. Na frente das pessoas mesmo. Se emocionaram. Se emocionaram ao som da marcha. Um, dois, um, dois, um, dois. Os soldados marcharam no dia 15 de novembro de 1989 até o Palácio Imperial. Eles marcharam pela proclamação da república. O XV de Novembro marcha ao som do seu hino. Marcha na direção do centenário. Salve o XV de Novembro, pelo seu aniversário, pioneiro da lei do acesso e agora centenário. Chegou o centenário. E agora? Marcha na direção de quê?

Hino oficial do XV de Piracicaba

Anuar Kraide e Jorge Chaddad

Salve XV de Novembro,
Glorioso esquadrão!
Na vitória ou na derrota
Está em nosso coração!

No basquete e futebol
É motivo de vaidade,
Pioneiro da lei do acesso,
Engrandece nossa cidade!

Vamos XV para frente,
Outra vitória conquistar!
Destemido e valente.
Só nos pode orgulhar!

Vamos XV para frente,
Outra vitória conquistar!
A torcida está presente
Para sempre incentivar!
XV!, XV!, XV!

Vitória!

Hino Popular do XV de Piracicaba

autor desconhecido

Cáxara de forfe
cuspere de grilo
bicaro de pato

GOOOOOOOOOOOOR

XV
crá crá crá
XV
crá crá crá

asara de barata
nhéque de portera
já que tá que fique

GOOOOOOOOOOOOR

XV
crá crá crá
XV
crá crá crá

viemo numa combi véia
sem óio de breque
de orc de raibã

GOOOOOOOOOOOOR

XV
crá crá crá
XV
crá crá crá

carcanhá de bode
tocera de grama
já que tá que fique

GOOOOOOOOOOOOR

XV
crá crá crá XV
crá crá crá
trei veiz cinco
XV

Hino do Centenário

Anuar Kraide e Jorge Chaddad

Salve o XV de Novembro
Pelo seu aniversário
Pioneiro da lei do acesso
E agora centenário

No basquete e futebol
É grande a sua popularidade
Seu prestígio e sua garra
Engrandecem nossa cidade

Quando entra para a luta
És valente e destemido
Traz vitórias e mais vitórias
Nosso club sempre querido

Salve todos os quinzistas
Que fizeram sua história
Salve todos os jogadores
Que sempre te cobrem de glória

Quinze, quinze, quinze...

Um século de paixão

15 de novembro de 2013.

Era só mais uma manhã de sexta-feira. Bom, na verdade, não era igual a todas as outras. Era uma manhã de sexta-feira com feriado nacional. Mas não era qualquer feriado nacional. Era feriado da Proclamação da República. Quinze de novembro. Data histórica para o Brasil. Mas não era esse o motivo da festa em uma cidade do interior do estado de São Paulo. Tampouco era essa notícia que estava estampada na primeira página do jornal. “XV chega ao centenário hoje”. Essa era a manchete. E mais uma vez fui falar com meu irmão.

- Você viu a primeira página do jornal? O XV está fazendo 100 anos. Parece que foi ontem mesmo a sua inauguração...

- Nossa, você está atrasada. Só viu isso agora? Não ouviu a quantidade de fogos que soltaram no Barão, ontem, em comemoração?

- Ah, então era isso?

- O que você achou que fosse? Ano novo adiantado? (risos)

- Sei lá. Só não tinha dado atenção à data.

Mais uma vez ele saiu correndo e fiquei só com meus pensamentos. Cem anos. Cem anos de jogos, títulos e muita história para contar. Acho que isso tudo dava um livro.

- Que livro?

- Oi?

Era a Gertrudes. Fiquei matutando e acabei falando alto. Ela veio pedir o carregador do celular emprestado e ouviu tudo.

- Estou pensando que dava para escrever um livro contando os cem anos do XV. É muita história para contar.

- Um só não. Dava para escrever vários. Em um livro não cabe isso tudo, não.

- Isso é verdade. Precisaria selecionar os fatos mais importantes.

- Ou fazer um recorte. Contar nem que seja só uma parte. De um ponto de vista.

A Gertrudes estava certa. Não era possível contar a história de um clube em um livro, tampouco selecionar os fatos por sua importância. Mas como o trabalho não é histórico e, sim, jornalístico, nada mais justo do que se fazer um recorte. Afinal, no jornalismo não há imparcialidade. Todos os fatos descritos passam pelo filtro dos jornalistas que os recebem. E neste livro não foi diferente. Desde as primeiras leituras realizadas nos arquivos do Rocha Netto até as últimas entrevistas realizadas, tudo o que está aqui descrito passou por meu filtro e por minha forma de escrever.

*

O Esporte Clube XV de Novembro nasceu e cresceu intrínseco a essa cidade que já faz parte de seu nome. Afinal eu nunca ouvi alguém falar XV de Novembro. É XV de Piracicaba para cá, XV de Piracicaba para lá. Time e cidade já são tão unidos que não podem se separar. Tão unidos que o próprio time é visto como um caipira da gema, um legítimo caipiracicabano.

Em uma época que ser caipira é visto de forma pejorativa, como um sujeito xucro e sem cultura, que não sabe falar, andar ou se vestir, o XV de Piracicaba passa na frente como um embaixador e conquista a simpatia de pessoas de todos os lugares, exatamente por esse jeito caipira de ser.

A isso muito se deve a presença do Nhô Quim. Esse personagem, criado quando o XV de Novembro chegou à elite do futebol paulista, chamou a atenção dos clubes e torcedores da capital. Como diz o historiador piracicabano Cecílio Elias Neto, “era o caipira chegando à capital, com sua vara de pescar, com seu jeito brejeiro, anunciando uma cultura e um estilo de vida que se tornaram conhecidos como marca registrada de Piracicaba”. Ainda nas palavras de Cecílio, ele se tornou uma grife, já que falar em “‘Nhô Quim’ é falar de Piracicaba e falar em Piracicaba é, imediatamente, remeter-se ao ‘Nhô Quim’.”

O XV ajudou a construir a história de Piracicaba e se tornou um ícone da cidade ao lado do rio e da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. O

limite da fronteira do que é um ou outro é tão fraco que o XV representa a cidade nos jogos abertos, como revelou o secretário de esportes João Francisco Rodrigues de Godoy.

O XV é a paixão de Piracicaba. É bem verdade que o estádio não está sempre cheio. E como disse o radialista Gérson Mendes, para uma cidade com mais de 400 mil habitantes, é a minoria que realmente comparece aos jogos e acompanha o time para onde vai. Mas considerando o tamanho da cidade, as afinidades esportivas e a questão financeira de cada um, o XV de Piracicaba tem uma torcida fiel que fica, sempre, entre as maiores do estado.

Entre esses torcedores fiéis, alguns se destacam. É como se fizessem parte da paisagem da cidade e, principalmente, fizessem parte da paisagem do Barão. O Sponga, por exemplo, é a personificação do Nhô Quim. Muita gente, aliás, não sabe separar um do outro. É o caipira que toma sua cerveja, vende seu limão e sofre pelo XV como ninguém. Ele anda pelo Barão como se estivesse em casa. E realmente está. Cumprimenta a todos. Ele não conhece todo mundo, mas todo mundo conhece ele. E está sempre ali. Não decepciona. Eu mesma posso afirmar que nunca fui a um jogo do XV que o Sponga não estivesse presente.

Além dos torcedores, a torcida. As torcidas. As torcidas organizadas do XV. Elas também estão sempre ali. É verdade que, quando o jogo é importante, os integrantes comparecem em maior número, mas, mesmo quando o resultado não vale nada, aparece pelo menos uma meia dúzia de gato pingado. E eles sofrem, xingam e vibram como ninguém. Lembrei-me agora de um episódio que ilustra bem essa situação. Novamente vamos voltar à final do Campeonato Paulista da série A2, em 2011. O XV ia jogar contra o Guarani pelo título da competição. Normalmente, em jogos comuns, se você sentar nos cantos da arquibancada, mesmo da geral, você consegue assistir ao jogo sentado, confortavelmente, e se levantar apenas para gritar gol. Nesse dia não havia santo que fizesse essa torcida sentar. Até os mais velhos que pediam para que o povo sentasse para poder enxergar recebiam xingos como resposta: “Se queria assistir ao jogo sentado vai para casa, tio”, falava um. “Assiste na TV”, resmungava o outro. E ficamos ali. Tempo normal, prorrogação e até nas penalidades máximas. Tudo em pé. Mas o cansaço não

foi problema para ninguém na hora de pular e gritar campeão. Porque pelo XV tudo vale a pena.

Além de todas essas histórias, não podemos esquecer os verdadeiros heróis que proporcionam essas histórias. Afinal, qual piracicabano não gosta de encher a boca e contar o famoso gol do Russo? Até hoje não podemos provar se é lenda ou se realmente aconteceu, mas faz parte da história do XV e jamais será esquecida.

Como bem disse o radialista Mario Luis, é a história do XV que é muito forte: “tem times grandes, de tradição, que não têm uma história bonita e de conquistas como a do XV”.

Falando em radialistas. Ah, a imprensa piracicabana. Imprensa torcedora eu diria. É por meio deles que os piracicabanos ficam sabendo das glórias de seu time, e não poderiam estar melhor representados. Se os jogadores são os heróis responsáveis por criar histórias, são esses homens os responsáveis por espalhar e aumentar essas histórias. São dez, vinte, trinta, quarenta anos cobrindo a trajetória quinzista e sofrendo junto a cada lance.

E essa imprensa torcedora faz escola. Na noite do centenário estava eu observando o movimento quando, de repente, avisto o jornalista que entrevistei do Jornal de Piracicaba. Mas ele estava com um amigo. Ah, sim, era seu estagiário. Mais um jovem jornalista piracicabano fazendo estágio na torcida quinzista. Mais um futuro redator apaixonado pelo XV.

É, eu estava lá. Eu e mais da metade dos meus entrevistados. Olha a Lili chorando. Olha o presidente sendo carregado pelos amigos emocionados. Olha o Saponga mais uma vez com sua cervejinha, “mais pra lá do que pra cá” (se é que vocês me entendem). Olha os jornalistas e assessores que viraram torcedores. Olha meu avô. Olha todas essas pessoas. Cada uma tem uma história. E, como a Gertrudes bem disse, não cabem todas neste livro.

Agora escuta isso. É o hino do XV de novo. Todo mundo sabe inteiro e décor. As vozes já estão embargadas, algumas roucas, desafinadas, mas o canto não para. Escuta essa criancinha, que bonitinha. Também sabe o hino inteiro. Provavelmente nem ele estará aqui nos próximos cem anos, mas talvez seus filhos e netos estejam.

É meia-noite. Mas não é qualquer meia-noite. É uma meia-noite estrelada. Estrelas coloridas tomam conta do céu de Piracicaba, nesse dia 15 de novembro de 2013. Mas não são estrelas. São fogos. Fogos de artifício que marcam a virada. Marcam a chegada de um dia histórico para a cidade. O Esporte Clube XV de Novembro faz 100 anos e deixa colorido o céu de Piracicaba. Mas colorido só o céu mesmo, porque as arquibancadas do Estádio Barão de Serra Negra estão em duas cores: preto e branco. As cores do XV. As cores que tomaram conta do coração dos piracicabanos.

A paixão pelo futebol move o brasileiro, e a paixão pelo XV já nasce no coração de todo piracicabano. Coração que bate mais forte a cada rojão que explode no ar. A cada estrelinha que colore o céu. A cada grito, canto e choro. Choro que corre como um rio de lágrimas. Rio de Piracicaba. XV de Piracicaba. Coisas de Piracicaba que só piracicabanos entendem. E o XV vai ficar centenário. É agora. Olha a contagem:

- Dez! Nove! Oito! Sete! Seis! Cinco! Quatro! Três! Dois! Um!

Abrem-se as cortinas, começa o espetáculo!